



**INSTITUTO
FEDERAL**

Brasília

**INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA - CAMPUS BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**A FUNÇÃO SOCIAL DA LINGUAGEM NA MEDIAÇÃO DO
PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

JULYANNA KELLY DELGADO VERAS

BRASÍLIA

2026

JULYANNA KELLY DELGADO VERAS

A FUNÇÃO SOCIAL DA LINGUAGEM NA MEDIAÇÃO DO
PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Dissertação de Mestrado Profissional
apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Educação Profissional e Tecnológica,
ofertado pelo Campus Brasília do Instituto
Federal de Brasília, como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Mestre
em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Soares
Guimarães Rodrigues

Data da defesa: 7 de maio de 2026.

BRASÍLIA

2026

V476 Veras, Julyanna Kelly Delgado

A função social da linguagem na mediação do processo ensino-aprendizagem na educação profissional e tecnológica / Julyanna Kelly Delgado Veras. — Brasília, 2026.

67 f.

Orientador: Rodrigo Soares Guimarães Rodrigues.

Dissertação (Mestrado) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, 2026.

1. Linguagem. 2. Mediação pedagógica. 3. Ensino-aprendizagem. 4. Relação professor-aluno. I. Rodrigues, Rodrigo Soares Guimarães (orient.). II. Título.

CDU: 377

RESUMO

O estudo teve como objetivo principal investigar a linguagem e as suas possibilidades enquanto elemento de mediação da relação entre professor e aluno. A pesquisa apresentou como objetivos específicos: 1) identificar o papel da linguagem na relação professor-aluno, com vistas ao alcance da compreensão de sua função para o ensino-aprendizagem; 2) investigar as concepções de linguagem, bem como suas funções a partir dos sujeitos da pesquisa; 3) identificar e descrever compatibilidades e divergências entre os sentidos da linguagem na relação ensino-aprendizagem apresentada pela literatura especializada e pelos sujeitos da pesquisa. Adotou-se uma metodologia qualitativa vinculada à Linha de Investigação sobre Organização e Memórias dos Ambientes Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica – EPT. A pesquisa bibliográfica contemplou perspectivas teóricas tanto tradicionais quanto atuais acerca da linguagem e da forma como ela impacta as relações sociais e os processos educativos. A análise dos dados permitiu identificar como a linguagem facilita ou dificulta a comunicação e a aprendizagem. A partir dos resultados, foi desenvolvido um guia de orientações sobre o uso da linguagem na Educação Profissional e Tecnológica para professores que atuam nessa modalidade de ensino na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, visando à capacitação para o uso da linguagem na relação ensino-aprendizagem. Este estudo visou melhorar a compreensão do papel da linguagem na educação e proporcionar estratégias para aprimorar a mediação pedagógica, beneficiando o processo educativo, tendo como referência principal Lev Vigotski.

Palavras-chave: Linguagem. Mediação. Ensino-aprendizagem. Relação professor-aluno. Vigotski.

ABSTRACT

This study's main objective is to investigate language and its possibilities as a mediating element in the teacher-student relationship. The specific objectives are: 1) to identify the role of language in the teacher-student relationship, with a view to understanding its function in the teaching-learning process; 2) to investigate conceptions of language, as well as its functions, as understood by the research subjects; 3) to identify and describe points of convergence and divergence between the meanings of language in the teaching-learning relationship as presented by the specialized literature and by the research subjects. A qualitative methodology was adopted, linked to the Research Line on the Organization and Memory of Pedagogical Environments in Professional and Technological Education – PTE. The bibliographic research encompassed both traditional and contemporary theoretical perspectives on language and its impact on social relations and educational processes. Data analysis made it possible to identify how language either facilitates or hinders communication and learning. Based on the findings, an orientation guide on the use of language in Professional and Technological Education was developed for teachers working in this modality within the Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, aiming to build capacity for the use of language in the teaching-learning relationship. Grounded in the work of Lev Vigotski as its primary theoretical reference, this study seeks to deepen the understanding of the role of language in education and to provide strategies for enhancing pedagogical mediation, thereby benefiting the educational process as a whole.

Keywords: Language. Mediation. Teaching-learning. Teacher-student relationship. Vigotski.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Coerência da pesquisa	11
Quadro 2 – Apresentação do Produto Educacional	43
Quadro 3 – Pesquisa e produto	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Pesquisa bibliográfica por descritores sem recorte temporal e sem filtros	15
Tabela 2 – Pesquisa bibliográfica por descritores com critérios pré-selecionados	17
Tabela 3 – Resultados por descritores após estabelecimento de critérios de exclusão ...	17
Tabela 4 – Tipos de publicações analisadas	18

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem de publicações por banco de dados	16
Gráfico 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	34
Gráfico 3 – Variável gênero	35
Gráfico 4 – Distribuição das participantes relativamente a diferentes faixas etárias	35
Gráfico 5 – Situação de trabalho	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE RELAÇÕES SOCIAIS MEDIADAS PELA LINGUAGEM	15
2.1 Levantamento bibliográfico	15
2.2 Síntese e discussão sobre o estado do conhecimento	18
3 REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1 A Educação Profissional e Tecnológica	20
3.2 A linguagem como mediadora das relações sociais e do desenvolvimento	23
3.2.1 A LINGUAGEM COMO FERRAMENTA SOCIAL E MEDIADORA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA EPT	24
3.3 Lev Vigotski: como a linguagem facilita ou dificulta a comunicação e a aprendizagem	27
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS	32
5.1 Análise das falas das docentes	32
5.2 Análise das falas das estudantes	33
6 PRODUTO EDUCACIONAL	42
6.1 Da aplicação à definição final do produto	44
6.1.1 APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	44
6.1.2 DISCUSSÃO ANALÍTICA DAS DEVOLUTIVAS	45
6.1.3 DO PROTÓTIPO À VERSÃO FINAL DO PRODUTO EDUCACIONAL	46
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DAS ESTUDANTES	52
APÊNDICE B – ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS	55
APÊNDICE C – GRÁFICOS DAS RESPOSTAS DAS ESTUDANTES	60
APÊNDICE D – SÍNTESE DAS DEVOLUTIVAS DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES SOBRE O PRODUTO EDUCACIONAL	62
APÊNDICE E – GUIA A LINGUAGEM COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NA EPT (CAPA)	67

1 INTRODUÇÃO

Desde sua criação, a humanidade foi capaz de se diferenciar dos outros animais e criar seu próprio mundo, distanciando-se da sua determinação animal sem nunca abandoná-la, fenômeno que é denominado por Gyorgy Lukács (1978) de Ontologia do Ser Social. Há dois elementos que podem ser capazes de diferenciar o ser animal do ser humano social: o trabalho e a linguagem.

O trabalho é toda ação que modifica o mundo, não apenas no sentido empregatício, e a consciência dessa ação que caracteriza o trabalho como um ato especificamente humano. Segundo Marx (1988, p. 142), o resultado alcançado ao final do processo de trabalho já estava previamente concebido na mente do trabalhador, existindo, portanto, primeiramente como uma ideia. A noção de Marx é denominada por Lukács (1978, p. 104) de “teleológica”, que é a finalidade que o ser humano atribui a suas realizações; portanto, mesmo que os animais realizem produções no seu meio, que podem parecer a designação de trabalho, eles não o fazem com uma intenção e sim por instinto.

Já a linguagem sempre exerceu um papel essencial para o homem, permitindo a ele a troca de experiências, ou seja, a linguagem é o veículo de comunicação social, e não há sociedade sem linguagem ou sem comunicação. Sendo assim, esta tem o poder tanto de criar soluções ou problemas no cotidiano das profissões, das relações entre pessoas ou entre as instituições. Dentre essas relações, o foco deste trabalho foi a relação que ocorre na instituição escolar entre professor e aluno.

A escola surge como uma necessidade do desenvolvimento humano de sistematizar e transmitir os conhecimentos produzidos pela sociedade. O ser humano é um ser sociocultural, se constitui a partir das relações sociais; portanto, na relação entre professor e aluno nos referimos a uma relação social que integra o espaço da sala de aula e da escola. Essa relação entre o ensinar e o aprender se inicia a partir dos vínculos afetivos entre as pessoas, com início no âmbito familiar, ampliando-se para o âmbito escolar, tendo como mediador o professor.

Segundo Fernández (1991, p. 47 e 52), o processo de aprendizagem requer duas figuras essenciais: aquele que ensina e aquele que aprende, além de uma relação estabelecida entre eles. Isso significa que não aprendemos com qualquer pessoa, mas sim com aquela a quem atribuímos confiança e reconhecemos como alguém autorizado a nos ensinar.

Este estudo teve como propósito investigar de que forma a linguagem, enquanto elemento mediador, influencia a relação entre professor e aluno no contexto da Educação

Profissional e Tecnológica – EPT, analisando como essa mediação pode potencializar os processos de ensino e aprendizagem. A minha atuação como professora iniciou-se na Educação Profissional e Tecnológica na própria instituição que constituiu o campo de realização desta pesquisa, portanto, esta parte da observação das particularidades dessa modalidade educacional, marcada por uma articulação entre saberes teóricos e práticos, exigindo estratégias comunicacionais que favoreçam a construção do conhecimento de forma clara, acessível e contextualizada.

Na modalidade da Educação Profissional e Tecnológica, é necessário fazer a conexão dos processos educativos com o trabalho. Porém, seu intuito historicamente foi subordinar a formação dos trabalhadores ao mercado de trabalho. Embora a EPT tenha historicamente se desenvolvido num contexto marcado por desigualdades sociais e pela valorização desigual entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, atualmente busca-se superar essa visão fragmentada. Essa modalidade de ensino passou a integrar a dimensão formativa ao processo produtivo, valorizando tanto os saberes técnicos quanto os conhecimentos teóricos e humanísticos. Nesse cenário, a linguagem assume um papel fundamental como ponte entre esses diferentes saberes, contribuindo para a formação integral dos estudantes e favorecendo práticas pedagógicas mais equitativas e significativas.

A especificidade da Educação Profissional e Tecnológica atualmente busca integrar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, promovendo uma formação humanizadora e omnilateral. Os conhecimentos humanísticos e científico-tecnológicos assumem, nesse contexto, um papel crítico em face das contradições do mundo social, tornando-se ferramentas de transformação. No entanto, para que essa integração seja efetiva, é fundamental compreender como ocorre a mediação pedagógica entre professores e estudantes, especialmente por meio da linguagem. Foi a partir dessa inquietação sobre o modo como a linguagem influencia as interações em sala de aula e impacta o processo de ensino-aprendizagem que surgiu o interesse nesta pesquisa, cujo objetivo foi investigar como a linguagem atua como elemento central de mediação na prática pedagógica da EPT.

Nesse sentido, a linguagem é um elemento central na mediação das relações pedagógicas. Segundo Kohl (1997), mediação é a intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa de ser direta e passa a ser mediada por aquele elemento. Na educação, a importância da linguagem extrapola a comunicação, servindo como mediação na aprendizagem e ferramenta para a construção de conhecimentos. A natureza prática e aplicada dos cursos da EPT exige que os professores utilizem uma linguagem clara, precisa e adaptada às necessidades e realidades dos alunos.

Desse modo, este estudo partiu da seguinte problemática: Como a linguagem utilizada pelos professores pode impactar o aprendizado e a interação com os alunos da EPT?

Assim, a presente pesquisa se justifica tanto no âmbito social quanto acadêmico, considerando o papel central da linguagem na mediação das relações pedagógicas e sua influência direta nos processos de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica. A EPT visa preparar indivíduos para o mundo do trabalho por meio da articulação entre teoria e prática, exigindo práticas pedagógicas que favoreçam a formação integral dos estudantes. No entanto, a efetividade dessa proposta formativa está diretamente relacionada à clareza, pertinência e acessibilidade da linguagem utilizada pelos docentes nas interações com os alunos.

Ao longo das práticas docentes e em diálogos informais com os alunos, tornou-se evidente que uma comunicação pedagógica pouco contextualizada ou excessivamente técnica pode gerar barreiras na compreensão dos conteúdos, comprometer o engajamento e dificultar a aprendizagem significativa. Essa experiência prática vivida no ambiente escolar revelou que as dificuldades enfrentadas pelos alunos muitas vezes não estão apenas relacionadas ao domínio do conteúdo, mas à forma como ele é comunicado. As interações em sala de aula revelaram a importância de uma linguagem mais próxima da realidade dos estudantes, que considere seus repertórios socioculturais e sua vivência no curso técnico. Assim, compreender o papel da linguagem como elemento mediador nos processos educativos permite propor estratégias de aperfeiçoamento do trabalho pedagógico, promovendo a inclusão e garantindo condições mais equitativas de participação no contexto escolar.

Desse modo, a pesquisa busca oferecer subsídios teóricos e práticos que contribuam para a construção de práticas docentes mais reflexivas, acessíveis e coerentes com os princípios da EPT. Do ponto de vista teórico, o estudo fundamenta-se na Teoria Histórico-cultural de Vigotski, Luria e Leontiev (2010) e no Materialismo Histórico-dialético (Marx; Engels, 2011), compreendendo a linguagem não apenas como instrumento de comunicação, mas como mediadora do pensamento, da aprendizagem e das relações sociais. Nesse sentido, a linguagem assume papel estruturante na atividade pedagógica, constituindo uma ferramenta para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e para a articulação entre os saberes técnicos, científicos e humanísticos.

Embora a literatura acadêmica reconheça amplamente a função social da linguagem na educação, ainda há uma lacuna quanto à sua aplicação no contexto específico da EPT, que demanda abordagens pedagógicas próprias, voltadas à integração entre o conhecimento teórico e o fazer profissional. Nesse cenário, a presente pesquisa investigou como a linguagem utilizada pelos docentes pode mediar positivamente as relações educativas e contribuir para

o fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, este estudo se justificou pela necessidade de ampliar a compreensão sobre o uso da linguagem na EPT, considerando as especificidades dos cursos técnicos, o perfil dos estudantes e o contexto institucional em que estão inseridos. Ao valorizar a escuta dos sujeitos da pesquisa e dialogar com a realidade concreta do chão da escola, busca-se contribuir para a valorização da EPT como espaço de formação crítica, humanizadora e socialmente emancipadora.

O objetivo geral da pesquisa foi investigar a função social da linguagem e como ela atua enquanto elemento de mediação na relação ensino-aprendizagem.

E os objetivos específicos foram:

- ♦ identificar o papel da linguagem na relação professor-aluno, com vistas ao alcance da compreensão de sua função para o ensino-aprendizagem;
- ♦ investigar como os professores percebem a linguagem no trabalho pedagógico e que importância esses docentes imprimem à comunicação pedagógica nas relações educativas na EPT;
- ♦ elaborar e aplicar um guia de orientações sobre o uso da linguagem na educação profissional e tecnológica (produto educacional) com orientações pedagógicas para professores que atuam na Educação Profissional e Tecnológica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, visando à capacitação para o uso da linguagem na relação ensino-aprendizagem.

O Quadro 1 tem como função organizar e articular de maneira integrada os elementos fundamentais que estruturam a investigação proposta, garantindo uma linha lógica entre o tema, o problema, a justificativa, os objetivos e as estratégias metodológicas.

Quadro 1 - Coerência da pesquisa

1. Tema elaborado a partir do reconhecimento do problema: A função social da linguagem na mediação do processo ensino-aprendizagem na educação profissional e tecnológica.		
2. Problema reconhecido: A linguagem é um elemento central na mediação das relações pedagógicas. No contexto da EPT, em que a prática e a teoria se interligam, a linguagem pode facilitar ou dificultar a comunicação e a aprendizagem. Como a linguagem utilizada pelos professores pode impactar o aprendizado e a interação com os alunos na EPT?		
3. Justificativa (razão pela qual são necessárias a realização da pesquisa, a elaboração e a aplicação do produto): A linguagem é fundamental na mediação pedagógica, pois estrutura a comunicação entre professores e alunos. A modalidade da EPT exige uma comunicação clara e objetiva para conectar ensino e mercado de trabalho. Dessa forma, compreender a função social da linguagem e seu impacto no ensino-aprendizagem pode contribuir para a melhoria das práticas pedagógicas. O estudo busca oferecer um produto educacional para capacitação docente sobre o uso eficiente da linguagem na mediação didática.		
4. Objetivo geral (ligado à resolução do problema): Investigar a função social da linguagem em cursos de Educação Profissional e Tecnológica e analisar como a comunicação pedagógica influencia na formação desses estudantes.		
5. Questões secundárias que vão nortear a pesquisa	6. Objetivos específicos para cada questão secundária apontada: - identificar o papel da linguagem na relação professor-aluno, com vistas ao alcance da compreensão de sua função para o ensino-aprendizagem; - investigar como os professores percebem a linguagem no trabalho pedagógico e que importância esses docentes imprimem à comunicação pedagógica nas relações educativas na EPT; - construir um guia de orientações sobre o uso da linguagem na educação profissional e tecnológica (produto educacional) para professores que atuam na EPT na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, visando à capacitação para o uso da linguagem na relação ensino-aprendizagem.	7. Técnicas de pesquisa aplicadas (estudo de caso, grupo focal, entrevista documental, levantamento e análise bibliográficos, etc.):

A. Qual o papel da linguagem na relação professor-aluno na EPT?	B. Identificar a função da linguagem na interação professor-aluno.	C. Levantamento bibliográfico sobre a relação entre linguagem e aprendizagem na EPT.
D. Quais concepções de linguagem são predominantes entre os professores da EPT? E que importância esses docentes imprimem à comunicação pedagógica nas relações educativas na EPT?	E. Investigar como os professores percebem a linguagem no trabalho pedagógico e que importância esses docentes imprimem à comunicação pedagógica nas relações educativas na EPT.	F. Aplicação de questionários, e rodas de conversas para professores da EPT.
G. Há compatibilidades e divergências entre as concepções de linguagem apresentadas pela literatura e as dos sujeitos da pesquisa?	H. Comparar concepções teóricas e práticas da linguagem na sala de aula.	I. Análise em sala de aula sobre a literatura, os questionários e as rodas de conversas.
J. De que forma pode-se melhorar a comunicação pedagógica em cursos de EPT?	L. Elaborar um produto com orientações pedagógicas sobre como melhorar a comunicação pedagógica em cursos de EPT a serem compartilhadas com os docentes da SEEDF.	M. Desenvolvimento de um produto educacional baseado nos resultados da pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O tema central da pesquisa – a função social da linguagem na mediação do processo ensino-aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica – surge da identificação de um problema prático e socialmente relevante: a linguagem enquanto instrumento central nas interações pedagógicas pode tanto facilitar quanto obstruir a comunicação e a aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica.

O problema questiona como a linguagem utilizada pelos professores impacta o aprendizado e a interação com os alunos nessa modalidade educacional que integra teoria e prática, exigindo uma comunicação clara e contextualizada para conectar os saberes técnicos às demandas do mundo do trabalho.

A justificativa reforça a importância do tema ao destacar que a linguagem não é apenas um veículo de transmissão de conteúdos, mas uma ferramenta estruturante da mediação pedagógica. Na EPT, em que a formação visa à qualificação profissional e à inserção social, uma linguagem inadequada pode ampliar desigualdades, limitando o acesso ao conhecimento e à emancipação dos estudantes.

Diante disso, a pesquisa se justifica pela necessidade de compreender como a linguagem

atua nesse contexto e de propor um produto educacional prático: um guia de orientações sobre o uso da linguagem (produto educacional) para capacitar docentes no uso eficiente da linguagem, promovendo práticas pedagógicas mais inclusivas e alinhadas às necessidades dos alunos.

O objetivo geral – investigar a função social da linguagem como elemento de mediação na relação ensino-aprendizagem na EPT – direcionou a pesquisa para uma análise crítica ancorada no Materialismo Histórico-dialético, de Marx e Engels, e na Teoria Histórico-cultural, de Vigotski (2001), entendendo a linguagem como mediadora do pensamento e das relações sociais.

As questões secundárias e os objetivos específicos desdobraram-se em etapas sequenciais, garantindo coerência metodológica. Primeiro, buscou-se identificar o papel da linguagem na relação professor-aluno por meio de levantamento bibliográfico, mapeando como a literatura especializada aborda a mediação linguística na EPT.

Em seguida, foram investigadas as concepções de linguagem dos professores através de perguntas numa roda de conversa, buscando compreender como os docentes percebem e aplicam a linguagem em suas práticas. Investigou-se também a concepção dos estudantes por meio de um questionário com perguntas abertas realizadas no Google Forms.

Na terceira etapa, as concepções teóricas da literatura especializada foram comparadas com as práticas observadas em sala de aula, por meio de análises qualitativas de interações pedagógicas, identificando compatibilidades ou divergências.

Por fim, os resultados são traduzidos num produto concreto, um guia de orientações sobre o uso da linguagem na Educação Profissional e Tecnológica (produto educacional), que sintetiza estratégias para aprimorar a comunicação pedagógica.

As técnicas de pesquisa escolhidas – revisão bibliográfica, aplicação de questionários, análise das interações em sala de aula e desenvolvimento de um produto educacional – refletem uma abordagem predominantemente qualitativa. A investigação teve como foco a compreensão profunda das relações pedagógicas e a forma como a linguagem atua como mediadora no processo de ensino-aprendizagem.

Os dados quantitativos coletados por meio dos questionários tiveram caráter ilustrativo, sendo utilizados para justificar e sustentar as escolhas metodológicas, mas sem substituir a análise interpretativa dos significados, percepções e práticas comunicacionais no contexto da EPT.

O guia de orientações sobre o uso da linguagem na EPT como produto final materializa o compromisso da pesquisa com a transformação das práticas educacionais, vinculando teoria e prática para enfrentar as contradições identificadas.

Em síntese, o Quadro 1 demonstra uma estrutura coesa: parte de um problema socialmente relevante, sustenta-se em justificativas teóricas e práticas, define objetivos claros e articula métodos adequados para alcançá-los, culminando numa contribuição tangível para a qualificação da EPT como espaço de formação crítica e humanizadora.

2 ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE RELAÇÕES SOCIAIS MEDIADAS PELA LINGUAGEM

2.1 Levantamento bibliográfico

Este tópico tem como objetivo levantar o estado do conhecimento sobre o tema das relações sociais mediadas pela linguagem, com ênfase na relação professor-aluno na Educação Profissional e Tecnológica, por meio de levantamento bibliográfico. O estudo buscou identificar, categorizar e sintetizar produções científicas recentes, utilizando como referência o conceito de "estado da arte", conforme Brandão *et al.* (1986, p. 7 *apud* Silva; Souza; Vasconcellos, 2020), que definem essa abordagem como um método para sistematizar o conhecimento produzido sobre um tema específico. Gonçalves, Horvath e Bretones (2022) complementam que o estado da arte, por outro lado, permite mapear tendências e lacunas, fornecendo um panorama da pesquisa acadêmica.

A pesquisa foi realizada em três bases de dados: Scientific Electronic Library Online – SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde – BVS/MS e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD. Inicialmente foi feita uma busca ampla, sem recorte temporal e sem filtros, utilizando os descritores “linguagem e mediação”, “interação social”, “ensino-aprendizagem”, “comunicação pedagógica” e “relação professor-aluno”, alinhados ao foco do estudo das interações pedagógicas mediadas pela linguagem.

Os resultados dessa busca inicial estão apresentados na Tabela 1:

Tabela 1 - Pesquisa bibliográfica por descritores sem recorte temporal e sem filtros

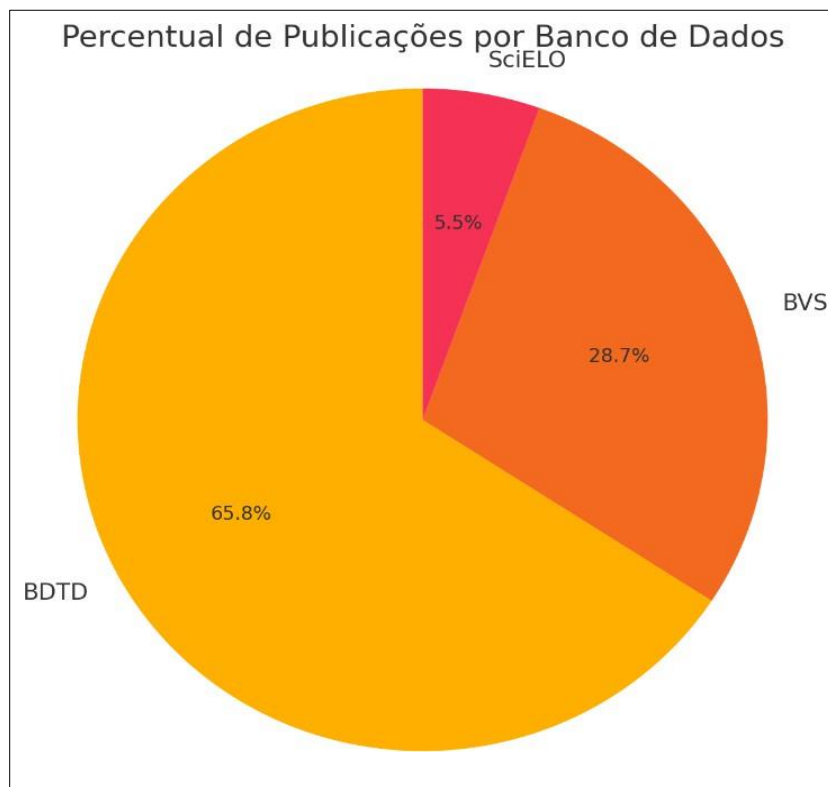
Descritores	BVS	SciELO	BDTD	Total por descritor
Linguagem e Mediação	502	89	1.932	2.523
Interação Social	666	82	406	1.154
Ensino-Aprendizagem	11	29	346	386
Relação Professor-Aluno	252	73	601	926
Total Geral	1.431	273	3.285	4.989

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Nessas configurações, foram encontradas 4.989 publicações, dentre elas 3.285 (65,8%) na BDTD, 1.431 (28,7%) na BVS e 273 (5,5%) na SciELO.

O gráfico a seguir mostra a porcentagem de publicações por banco de dados:

Gráfico 1 - Porcentagem de publicações por banco de dados



Fonte: Elaborado pela Autora, 2025.

O descritor “Linguagem e Mediação” destacou-se com 2.523 publicações (50,6%), enquanto “Ensino-Aprendizagem” apresentou o menor número, com 386 (7,7%), sugerindo uma menor produção específica sobre a aplicação da linguagem no contexto educacional.

Para refinar a análise e focar em produções recentes, foi realizada uma nova busca com filtros adicionais: trabalhos completos, publicados em português nos últimos cinco anos (2019-2023), com os descritores presentes nos títulos. Os resultados estão na Tabela 2:

Tabela 2 - Pesquisa bibliográfica por descritores com critérios pré-selecionados

Descritores	BVS	SciELO	BDTD	Total por descritor
Linguagem e Mediação	10	7	15	32
Interação Social	7	14	18	39
Ensino-Aprendizagem	3	2	30	35
Relação Professor-Aluno	1	3	17	21
Total Geral	21	26	80	127

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Após essa etapa, foi feita uma triagem adicional com leitura flutuante de títulos e resumos, selecionando apenas trabalhos que incluíam o termo “educação” no título e que abordavam o contexto da EPT, excluindo aqueles focados em educação infantil, ensino fundamental ou médio.

Os resultados estão na Tabela 3:

Tabela 3 - Resultados por descritores após estabelecimento de critérios de exclusão

Descritores	BVS	SciELO	BDTD	Total por descritor
Linguagem e Mediação	2	1	5	8
Interação Social	1	2	3	6
Ensino-Aprendizagem	1	1	8	10
Relação Professor-Aluno	0	1	4	5
Total Geral	4	5	20	29

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os 29 trabalhos selecionados foram categorizados por tipo de publicação, conforme a Tabela 4:

Tabela 4 - Tipos de publicações analisadas

Tipo de Publicação	Quantidade	Percentual (%)
Artigos	9	31,0
Dissertações	15	51,7
Teses	5	17,3
Total	29	100

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

2.2 Síntese e discussão sobre o estado do conhecimento

A análise do levantamento bibliográfico revelou um interesse crescente nas relações sociais mediadas pela linguagem, especialmente no contexto educacional, como discutido por Vigotski (2010), que compreende a linguagem como instrumento cultural fundamental para o desenvolvimento cognitivo e para a constituição das interações sociais. Entretanto, ao direcionar esse olhar para a Educação Profissional e Tecnológica, observou-se uma lacuna significativa na produção acadêmica.

Dos 4.989 trabalhos inicialmente identificados nas bases consultadas, apenas 29 abordam de forma direta a relação entre professor e aluno na EPT sob a perspectiva da mediação linguística, o que representa menos de 1% da produção total. Esse dado evidencia que, embora o tema da linguagem seja amplamente estudado, sua aplicação e análise no contexto específico da EPT ainda são incipientes. Contudo, é importante destacar que a relevância central deste trabalho não se encontra apenas na análise teórica desses documentos, mas sobretudo na investigação empírica realizada com os sujeitos da pesquisa.

A escuta dos estudantes e professores da EPT permitiu compreender com maior profundidade como a linguagem é percebida e utilizada nas práticas pedagógicas, bem como seu impacto nas relações educativas. É a partir dessa realidade concreta, vivida no cotidiano escolar, que esta pesquisa analisa a construção de conhecimentos capazes de contribuir efetivamente para o aperfeiçoamento das práticas docentes e para a valorização da comunicação pedagógica como ferramenta de inclusão e transformação no ensino técnico.

A predominância de dissertações (51,7%) na Tabela 4 sugere que o tema está sendo explorado em nível de pós-graduação, mas a baixa quantidade de artigos (31%) indica uma

disseminação limitada em periódicos acadêmicos. Isso reforça a justificativa acadêmica do estudo (2 Justificativa), que aponta a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a aplicação da linguagem na EPT, uma modalidade que exige articulação entre teoria e prática, como destacado por Borges (2017).

A hipótese de que uma linguagem clara e adaptada pode otimizar o ensino na EPT encontra eco parcial na literatura. Fernández (1991) enfatiza a importância do vínculo afetivo mediado pela linguagem, enquanto Oliveira (1997) e Vigotski (2001) conectam a linguagem ao desenvolvimento do pensamento, sugerindo que uma abordagem linguística inadequada pode ampliar desigualdades, conforme o problema identificado (1.2 Problema).

Contudo, a escassez de estudos específicos sobre a EPT evidencia lacunas, especialmente em relação às concepções de linguagem dos professores e seu impacto prático na sala de aula. Essa constatação alinha-se ao objetivo geral, de investigar a função social da linguagem na mediação do ensino-aprendizagem, e aos objetivos específicos, como a elaboração de um Guia digital (produto educacional) para a capacitação docente.

A baixa produção sobre “relação professor-aluno” (5 de 29) no contexto da EPT reforça a relevância do estudo em preencher esse vazio, oferecendo contribuições teóricas e práticas para melhorar a interação pedagógica e a aprendizagem.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A Educação Profissional e Tecnológica

A história da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil e no mundo não pode ser compreendida de maneira isolada dos processos econômicos, políticos e sociais que moldaram o desenvolvimento das sociedades.

Nesse sentido, uma análise fundamentada no Materialismo Histórico-dialético (Marx; Engels, 2011) permite compreender que as formas de organização do trabalho e da produção constituem o alicerce das instituições educativas, determinando também como se estruturam as relações pedagógicas, os currículos e a própria linguagem no ambiente escolar. Para o método materialista, as condições materiais são a base das ideias, da cultura e das instituições, sendo a história movida por contradições e transformações contínuas marcadas pela luta de classes (Lukács, 1978).

Assim, a EPT emerge historicamente como resposta às demandas dos modos de produção, acompanhando as transformações estruturais do trabalho. À medida que as sociedades evoluíram dos modelos artesanais para sistemas industriais e posteriormente tecnológicos, foram exigidos novos perfis de trabalhadores, novas formas de qualificação e, conseqüentemente, novas instituições de ensino. Tal movimento dialoga com a perspectiva de que as práticas educativas são parte da superestrutura social e acompanham as mudanças econômicas, como destacado pela epistemologia marxista (Luckesi, 1999).

Nos períodos anteriores à industrialização, predominavam formas de aprendizagem vinculadas aos ofícios, transmitidas de mestre a aprendiz. Essas formas de ensino eram essencialmente práticas e estavam profundamente imbricadas na organização econômica e social da época. Não havia uma clara separação entre trabalho e educação; ao contrário, aprender significava produzir. Tal relação evidencia que a educação sempre esteve submetida ao modo de produção vigente, o que é coerente com a ideia de que a infraestrutura condiciona a superestrutura (Oliveira, 1997).

Com a consolidação das corporações de ofício europeias e a divisão social do trabalho, surgiram as primeiras estruturas formalizadas de transmissão técnica. Entretanto, sua função social era limitada à reprodução das habilidades necessárias às classes trabalhadoras, mantendo uma rígida hierarquia entre aqueles que concebiam e aqueles que executavam o trabalho. Essas características persistiriam e seriam reforçadas com o advento da Revolução Industrial, momento em que a educação profissional passa a ganhar forma institucionalizada.

O processo de industrialização redefiniu completamente a relação entre o ser humano e

o trabalho. A maquinaria e a mecanização exigiam trabalhadores com habilidades específicas, disciplinados e aptos a operar equipamentos cada vez mais complexos. A formação técnica tornou-se condição indispensável para a reprodução do modelo industrial. Esse contexto reforça a compreensão de que o desenvolvimento educacional acompanha as necessidades produtivas, confirmando a análise marxista do trabalho como categoria fundante do ser social (Vigotski; Luria; Leontiev, 2010).

Nesse período, diversos países passaram a criar escolas técnicas voltadas à formação de operários especializados. A educação profissional, portanto, não surge como projeto emancipatório, mas como estratégia de aumento de produtividade e de atendimento às exigências industriais. Esse processo é atravessado por contradições: enquanto atende à expansão econômica, também consolida distinções entre educação para a elite dirigente e educação para o trabalho manual.

A Teoria Histórico-cultural de Vigotski permite compreender que tais formas de ensino também produzem modos específicos de mediação simbólica e linguística, já que a linguagem é sempre prática social que reflete as relações econômicas e de poder nas quais se insere (Vigotski, 1991). Assim, analisar a educação profissional implica analisar também como discursos, métodos e relações pedagógicas se constituem no interior de relações de classe.

No Brasil, a história da educação profissional acompanha o desenvolvimento econômico do país, marcado por ciclos produtivos dependentes e modelos de exploração do trabalho. Durante o período colonial e imperial, inexistiam instituições específicas para formação técnica; o ensino profissional se dava sobretudo entre escravizados, indígenas e trabalhadores pobres no contexto de estruturas de trabalho forçado e artesanal. O acesso à instrução formal era restrito às elites, reforçando desigualdades sociais e educacionais (Marques; Marques, 2011).

Somente com a República Velha surgiram as primeiras iniciativas institucionais de educação profissional, como as Escolas de Aprendizes e Artífices, criadas em 1909. Essas escolas respondiam a um contexto de urbanização, industrialização incipiente e exigência de formação de mão de obra para atender a novos setores produtivos. A função desses espaços era essencialmente formar trabalhadores disciplinados e aptos às demandas industriais, reafirmando a perspectiva de reprodução das estruturas sociais e da divisão técnica do trabalho (Prados; Rego, 2022).

Da mesma forma, Luckesi (1999) observa que as instituições educacionais podem atuar tanto para reprodução quanto para transformação social, dependendo das concepções filosóficas e das condições históricas que orientam suas práticas. No caso da educação profissional brasileira, observa-se a predominância da função reprodutiva, ainda que permeada por

contradições e tensões nos discursos pedagógicos.

Com as transformações econômicas ocorridas ao longo do século XX, especialmente a industrialização acelerada, a urbanização e a consolidação do ensino técnico, a educação profissional passou a assumir papel central na formação da força de trabalho brasileira. As décadas de 1930 e 1940, com a criação do SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial e do SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, consolidaram um modelo de formação profissional alinhado às demandas empresariais e industriais.

O marco teórico vigotskiano utilizado para analisar processos educativos nesse período demonstra que a aprendizagem não é apenas um ato individual, mas resultado da interação social e das mediações culturais (Vigotski, 2001). Assim, o ensino técnico não se limita à transmissão de conteúdos práticos; ele molda formas de pensar, comunicar e agir. A linguagem ocupa papel central como instrumento de mediação entre o indivíduo e o mundo do trabalho.

Nesse sentido, a comunicação pedagógica torna-se ferramenta fundamental. Pesquisas recentes revelam que as interações entre professor e aluno são permeadas por assimetrias de poder, expectativas institucionais e exigências produtivas. Verdial (2018) observa que a comunicação pedagógica pode fortalecer ou limitar a autonomia do estudante, dependendo de como os discursos são construídos.

Da mesma forma, a análise de Prados e Rego (2022) evidencia que na educação profissional existe forte tendência à transmissão verticalizada de conhecimentos, refletindo a lógica industrial de comando e obediência.

Por outro lado, o Materialismo Histórico-dialético oferece importante lente analítica para compreender essas relações. Para esse método, a linguagem é prática social indissociável das relações materiais e das condições econômicas que estruturam a vida social (Lukács, 1978). Assim, estudar a linguagem na educação profissional significa entender como discursos pedagógicos refletem a estrutura produtiva, reproduzindo ou contestando desigualdades.

Nesse sentido, a comunicação entre professor e aluno não é neutra. Ela expressa valores, ideologias e expectativas da instituição e do sistema produtivo que organiza o trabalho. Pesquisas sobre metodologias de ensino e práticas discursivas na educação profissional reforçam a importância de se compreender essas relações, ampliando o olhar para além da técnica e incorporando dimensões culturais, históricas e sociais (Mattar; Ramos, 2021).

Por essa razão, a educação profissional é espaço privilegiado para observar como infraestrutura e superestrutura se articulam: mudanças econômicas exigem novas formas de qualificação que, por sua vez, influenciam práticas discursivas, currículos e relações pedagógicas. No Brasil contemporâneo, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e

Tecnológica, criada em 2008, representa um marco na democratização da educação técnica. Sua criação e expansão refletem não apenas necessidades produtivas, mas também demandas sociais por inclusão educacional. Entretanto, é preciso reconhecer que o modelo ainda enfrenta contradições profundas: busca formar cidadãos críticos ao mesmo tempo que responde às necessidades do mercado.

Pesquisas de Silva, Souza e Vasconcellos (2020) mostram que o campo da educação profissional ainda carece de maior produção científica capaz de integrar dimensões sociais, pedagógicas e históricas, o que reforça a necessidade de se ampliar estudos que utilizem abordagens críticas, como o Materialismo Histórico-dialético.

Ao mesmo tempo, as transformações tecnológicas recentes – automação, inteligência artificial e economia digital – reconfiguram novamente o trabalho e exigem outra vez novas formas de qualificação. A história demonstra que a educação profissional é sempre tensionada por essas mudanças, reforçando a perspectiva marxista de que a realidade é dinâmica e contraditória.

A história da educação profissional e tecnológica revela um percurso marcado por contradições entre emancipação e reprodução social, entre formação crítica e treinamento técnico, entre democratização e manutenção das desigualdades.

Compreender essa trajetória com o método materialista histórico-dialético permite revelar as relações entre infraestrutura e superestrutura, evidenciando que as práticas pedagógicas, as linguagens e as formas institucionais da educação profissional são profundamente determinadas pelas condições materiais da sociedade.

3.2 A linguagem como mediadora das relações sociais e do desenvolvimento

O cérebro humano tem uma característica específica chamada plasticidade, sendo moldado de acordo com os elementos externos da história e do desenvolvimento humano. Nos primeiros anos de desenvolvimento do indivíduo, as interações das crianças com o mundo são realizadas por processos naturais, porém, através dos estímulos e da interação com os adultos, ocorre a transformação, e os processos psicológicos tomam forma e se tornam complexos.

Desse modo, os adultos servem de mediação nesse processo entre a criança e o mundo. De acordo com Kohl (1997), a relação do homem com o mundo não é direta, mas uma relação mediada, sendo os sistemas simbólicos esses elementos de mediação entre o sujeito e o mundo. Um dos sistemas simbólicos básicos que a humanidade criou para se organizar é a linguagem. Porém, segundo Vigotski (2001), a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um instrumento cultural que transforma o pensamento e as interações humanas. De acordo com o autor, a linguagem ocupa um papel central no desenvolvimento das

funções psicológicas superiores, sendo um instrumento fundamental na mediação das interações entre o indivíduo e o ambiente social. O autor defende que o desenvolvimento cognitivo está profundamente enraizado nas relações sociais, e por meio dessas interações mediadas pela linguagem o indivíduo internaliza as formas de pensamento e conhecimento construídas culturalmente.

Nesse sentido, a linguagem não se limita a um instrumento de comunicação, mas constitui o próprio mecanismo pelo qual o pensamento é formado, estruturado e compartilhado. Trata-se de um elemento fundamental na organização das ideias, na mediação das relações sociais e na construção do conhecimento.

Quando a linguagem utilizada pelo professor não alcança o estudante, seja por excesso de tecnicismo, falta de clareza ou desconsideração dos repertórios socioculturais dos alunos, compromete-se não apenas a comunicação, mas também a capacidade de o estudante organizar o próprio pensamento. Isso impacta diretamente seu processo de aprendizagem e a apropriação dos saberes necessários às práticas profissionais.

Por isso, compreender a linguagem como mediadora entre o ensino e o aprendizado é essencial para se repensar as práticas pedagógicas na Educação Profissional e Tecnológica, valorizando uma comunicação que favoreça o desenvolvimento intelectual e a formação integral dos estudantes.

Para Vigotski (2001), o pensamento e a linguagem, que inicialmente se desenvolvem de forma independente, tornam-se indissociáveis em certo estágio do desenvolvimento infantil. A partir desse ponto, a linguagem passa a moldar o pensamento, permitindo que o indivíduo pense de forma mais abstrata e reflexiva, o que é essencial para o desenvolvimento intelectual.

3.2.1 A LINGUAGEM COMO FERRAMENTA SOCIAL E MEDIADORA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA EPT

A linguagem é, por excelência, um instrumento de mediação no processo ensino-aprendizagem, uma vez que por meio dela se constrói, compartilha e ressignifica o conhecimento. Quando contextualizada na Educação Profissional e Tecnológica, a linguagem ultrapassa a função meramente transmissiva da informação e assume um papel social, formativo e dialógico, contribuindo diretamente para a formação crítica e cidadã dos sujeitos.

Conforme destacam Prados e Rego (2022), a EPT caracteriza-se por sua vinculação às demandas do mundo do trabalho e pela pluralidade na formação dos docentes, que muitas vezes vêm do setor produtivo e não contam com formação pedagógica sistematizada. Isso cria um cenário em que o domínio da linguagem, tanto na dimensão comunicacional quanto na dimensão

didático-pedagógica, se torna ainda mais crucial para que haja mediação efetiva entre os saberes técnicos e o desenvolvimento das competências profissionais e humanas dos estudantes.

Segundo os mesmos autores, uma das lacunas mais evidentes na prática docente da EPT é a ausência de estratégias comunicacionais intencionais e bem fundamentadas: “não dominam [...] os saberes mediadores no processo de ensino-aprendizagem, tampouco os saberes de comunicação docente” (Prados; Rego, 2022, p. 230).

Isso compromete a mediação pedagógica e reduz a potência da linguagem como eixo estruturador do diálogo e da construção do saber. A comunicação pedagógica, conforme Verdial (2018), deve ser entendida como uma prática multifacetada, que incorpora não apenas a linguagem verbal, mas também gestos, expressões corporais, recursos audiovisuais e interações afetivas.

Para a autora, “promovendo-se a melhor forma de comunicação entre docente e estudantes, com essa interação, obter-se-á o objetivo principal do processo de ensino e aprendizagem (PEA), que é a efetiva aprendizagem da essência das matérias pelos estudantes” (Verdial, 2018, p. 9). Desse modo, a linguagem se afirma como um meio de aproximação entre o conhecimento sistematizado e a vivência dos aprendizes, especialmente em cursos voltados à prática profissional.

Na EPT o ensino exige um equilíbrio entre o saber técnico e o saber pedagógico. Como afirmam Peterossi e Menino (2017 *apud* Prados; Rego, 2022), há uma trajetória de “não formação” pedagógica desses docentes, o que reforça a urgência de se pensar a linguagem como um instrumento intencional e planejado na condução do ato educativo. É nesse ponto que a linguagem adquire função social não apenas como meio de comunicação, mas como ferramenta que possibilita a inclusão, a emancipação e o acesso a direitos por meio da educação.

Além disso, o uso da linguagem deve considerar a diversidade dos estudantes da EPT, que muitas vezes vêm de contextos sociais e culturais distintos. Libâneo (1994 *apud* Verdial, 2018) salienta que a ação pedagógica precisa partir de uma interação sistemática entre sujeitos sociais e que essa relação exige sensibilidade, escuta ativa e adaptação constante das práticas comunicativas.

De acordo com Bakhtin (1984), a linguagem é sempre dialógica, ou seja, carregada de sentidos que se constroem na relação com o outro. Isso reforça a ideia de que a função social da linguagem na educação profissional não se limita à transmissão de conteúdos técnicos, mas sim à promoção de sujeitos críticos capazes de interagir com o mundo do trabalho e com a sociedade de forma ética, reflexiva e transformadora.

Nesse contexto, a linguagem adquire centralidade como mediação pedagógica. Conforme a perspectiva histórico-cultural de Vigotski, a linguagem é o principal instrumento de apropriação da cultura e de desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Para o

autor, “o pensamento nasce através das palavras” e “uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra” (Vigotski, 1991, p. 132).

Em outras palavras, é pela linguagem socialmente construída e compartilhada que o sujeito transforma o mundo e a si mesmo. A sua função social na EPT também se articula com a proposta freireana de educação libertadora. Para Paulo Freire, a linguagem é condição para o diálogo crítico e emancipador entre educador e educando. Como afirma o autor, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2002, p. 68). Portanto, o processo educativo deve estar fundamentado na dialogicidade, na escuta e na valorização dos saberes prévios dos alunos, sobretudo aqueles que vêm de contextos populares e periféricos, realidade muito comum no público da EPT.

Essa concepção é compartilhada por Marques e Marques (2011), ao afirmarem que Freire e Vigotski compartilham uma visão da educação como prática ética, política e socialmente situada. Ambos entendem que a construção do conhecimento se dá na relação entre sujeitos e que o ensino-aprendizagem não pode ser reduzido a uma transmissão vertical de conteúdos, como propõe o modelo da “educação bancária” (Freire, 2002). Ao contrário, propõem uma educação ativa, crítica e transformadora, mediada pela linguagem e sustentada pela interação social.

Portanto, a comunicação pedagógica como elemento estruturante da prática docente na EPT deve integrar diferentes formas de linguagem – verbal, não verbal, técnica e simbólica – numa proposta que considere o estudante como protagonista do seu processo formativo. Como observa Verdial (2018, p. 10), “a comunicação no ensino superior é uma ferramenta imprescindível para garantir que o conhecimento seja efetivamente compartilhado, internalizado e transformado em prática”.

Essa premissa é ainda mais pertinente quando se trata da EPT, cujo desafio é articular teoria e prática, ciência e trabalho, técnica e reflexão crítica. Por fim, reconhecer a linguagem como ferramenta social e mediadora é também compreender que a aprendizagem é um fenômeno relacional que exige do educador um compromisso ético com a escuta, a clareza e o respeito às diferentes formas de expressão dos sujeitos.

Ao promover a comunicação dialógica e significativa, o docente da EPT contribui não apenas para o desenvolvimento técnico dos estudantes, mas para sua formação integral como sujeitos autônomos, críticos e socialmente inseridos.

3.3 Lev Vigotski: como a linguagem facilita ou dificulta a comunicação e a aprendizagem

A obra de Lev Vigotski destaca a linguagem como elemento central na mediação das relações sociais e no desenvolvimento cognitivo, atuando tanto como facilitadora quanto como possível obstáculo à comunicação e à aprendizagem. Para o autor, a linguagem não é um instrumento de transmissão de informações, mas um sistema simbólico que estrutura o pensamento e possibilita a internalização de processos culturais, promovendo, assim, a construção de conhecimentos. Ele afirma que "a evolução do pensamento é influenciada pela linguagem, ou seja, pelos recursos linguísticos utilizados para pensar e pelas vivências socioculturais da criança" (Vigotski, 2001, p. 44).

Essa conexão dialética entre pensamento e linguagem demonstra que a habilidade de refletir de maneira abstrata e crítica está diretamente associada ao domínio dos símbolos linguísticos, que são construídos socialmente.

Nos primeiros estágios da ontogênese, pensamento e linguagem têm origens separadas: "O pensamento é não verbal, e a fala é não intelectual" (Vigotski, 1991, p. 38). Contudo, por volta dos dois anos de idade, surge um momento decisivo em que "o pensamento se torna verbal e a fala, intelectual" (Vigotski, 2001, p. 133).

Essa interligação entre pensamento e linguagem representa o começo da comunicação simbólica e da inserção ativa da criança no contexto social, possibilitando que ela associe signos a significados e expanda seu vocabulário de maneira rápida. Ainda conforme Vigotski (2001, p. 133), "a maior conquista da criança só ocorre quando já foi alcançado um patamar consideravelmente avançado no desenvolvimento da linguagem. Para 'compreender' a linguagem, é essencial o ato de pensar".

No contexto educacional, a linguagem assume dupla função: facilita a aprendizagem, quando mediada de forma clara e contextualizada, permitindo que os alunos internalizem conceitos científicos e desenvolvam funções psicológicas superiores, como a reflexão crítica. Quando eles não dominam a língua-padrão, variante prestigiada usada no ensino, enfrentam barreiras para acessar conhecimentos científicos, o que amplia as desigualdades educacionais.

A mediação pedagógica é essencial para superar essas dificuldades. O professor, ao utilizar estratégias que conectam a linguagem cotidiana à acadêmica, promove a internalização de conceitos. Esse processo ocorre quando signos externos, como palavras e gestos, são transformados em ferramentas internas de pensamento.

Vigotski exemplifica isso com o gesto de apontar: inicialmente, é uma tentativa física de alcançar um objeto, mas, interpretado pela mãe como comunicação, torna-se um signo

carregado de significado social. Posteriormente, esse gesto é internalizado pela criança como um recurso simbólico para expressar desejos.

Na escola, isso implica reconhecer que o domínio da língua-padrão não é apenas uma habilidade técnica, mas um meio de acesso a formas superiores de pensamento. Quando a linguagem não é adequadamente mediada, cria-se uma desconexão entre o aluno e o conhecimento, dificultando sua participação crítica no mundo.

Em síntese, na perspectiva vigotskiana, a linguagem representa uma janela para o desenvolvimento cognitivo e social, funcionando como mediadora entre o sujeito e os processos culturais. Seu uso eficaz no campo educacional requer uma mediação consciente, capaz de transformar palavras em pontes entre o pensamento concreto e o abstrato, entre o indivíduo e a cultura. No contexto da Educação Profissional e Tecnológica, essa mediação assume contornos ainda mais específicos: é por meio da linguagem que o docente traduz conceitos técnicos e científicos, articula teoria e prática, e contribui para a formação crítica e profissional dos estudantes.

Assim, compreender e aplicar os princípios da Teoria Histórico-cultural no trabalho pedagógico da EPT implica reconhecer a linguagem como ferramenta essencial na construção de saberes que dialogam com o mundo do trabalho, com a realidade dos alunos e com os desafios sociais contemporâneos.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa exploratória, conforme Gil (2002), com abordagem predominantemente qualitativa, de acordo com Mattar e Ramos (2021). A realidade investigada é interpretada à luz do Materialismo Histórico-dialético (Marx; Engels, 2011), buscando compreender em profundidade as práticas pedagógicas mediadas pela linguagem no contexto da Educação Profissional e Tecnológica.

Entre os procedimentos metodológicos utilizados, estão o levantamento bibliográfico (Mattar; Ramos, 2021), a construção do estado do conhecimento (Silva; Souza; Vasconcellos, 2020), a aplicação de questionário para os estudantes e uma roda de conversa para identificar percepções sobre a linguagem entre professores da EPT. Ainda que os dados coletados por meio desses instrumentos possam gerar representações quantitativas, seu uso é ilustrativo e complementar, servindo como apoio para fundamentar e contextualizar as análises qualitativas.

A ênfase da pesquisa esteve voltada para a compreensão da linguagem como ferramenta de mediação pedagógica e para o desenvolvimento de estratégias formativas que favoreçam práticas educativas mais eficazes, inclusivas e contextualizadas.

A análise dos dados foi realizada com o auxílio dos *softwares* Excel e SPSS, sem, no entanto, perder de vista que o objetivo central não reside nos números em si, mas na interpretação crítica da realidade educativa e na construção de proposições pedagógicas que dialoguem com as necessidades reais da EPT. A partir desse desenho metodológico, busca-se compreender os movimentos históricos e dialéticos que permeiam as relações sociais mediadas pela linguagem, abordando as contradições envolvidas na interação pedagógica na EPT e as formas de enfrentamento dessas questões, destacando a capacitação docente no uso eficiente da linguagem como estratégia central desta pesquisa.

De acordo com Selltiz *et al.* (1967 *apud* Gil (2002, p. 63), a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito ou permitindo a formulação de hipóteses. Seu objetivo principal é aprimorar ideias ou descobrir intuições com um planejamento flexível que considera diversos aspectos do fenômeno estudado, geralmente envolvendo levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no tema e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

O Materialismo Histórico-dialético, concebido a partir das formulações de Karl Marx e Friedrich Engels, constitui método e enfoque teórico que buscam compreender a realidade social em sua totalidade a partir das contradições históricas, econômicas e sociais que a constituem. Diferentemente de abordagens que se limitam à descrição dos fenômenos, esse método parte de

uma análise concreta da realidade, para além da aparência imediata, visando não apenas interpretá-la, mas também transformá-la. Rejeita os dualismos clássicos, como sujeito *versus* objeto, teoria *versus* prática, e enfatiza a unidade dialética desses elementos como parte de um processo histórico em constante movimento. Assim, a consciência é entendida de forma ativa e inserida nas relações materiais e sociais, sendo o conhecimento resultado da práxis e a ação, refletida e transformadora da realidade (Leite, 2017; Kosik, 1976 ; Marx; Engels, 2011).

Este levantamento, conforme Mattar e Ramos (2021), é uma etapa prévia que coleta referências sem análise inicial, servindo de base para o estado do conhecimento. Segundo Soares e Maciel (2000 *apud* Silva; Souza; Vasconcellos, 2020), é uma revisão crítica restrita a um setor da produção, identificando referenciais teóricos e lacunas, como a aplicação da linguagem na EPT.

Para aprofundar a análise proposta nos descritores teóricos e metodológicos que sustentaram esta pesquisa, a investigação de campo analisou como esses conceitos se manifestam na prática docente. Os descritores, ao apontarem a centralidade da linguagem como mediação no processo educativo, fornecem as bases para a construção dos instrumentos de coleta de dados. Dessa forma, os dados empíricos permitirão verificar de que forma os professores compreendem e aplicam essas concepções em suas práticas pedagógicas.

A pesquisa de campo envolveu professores e estudantes da Educação Profissional e Tecnológica da SEEDF, que aceitaram participar voluntariamente. Foram aplicados dois instrumentos: um questionário, para coletar informações dos estudantes, como gênero, idade, formação e percepções iniciais sobre o uso da linguagem em sala de aula, e uma roda de conversa com os docentes para analisar como os professores da EPT percebem a linguagem enquanto instrumento de mediação pedagógica.

As rodas de conversa, realizadas separadamente com docentes, serviram como espaços de escuta ativa, diálogo e reflexão coletiva sobre a função da linguagem no processo de ensino-aprendizagem. Tais encontros favorecem a emergência de sentidos e significados que não seriam captados por instrumentos padronizados.

A coleta com os estudantes foi iniciada de forma *on-line*, com o questionário sociodemográfico e as perguntas abertas, após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa. As participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Os dados quantitativos foram tratados com auxílio do Excel (estatísticas descritivas) e do SPSS (análises inferenciais). Já os dados qualitativos, provenientes das observações e rodas de conversa, foram organizados por categorias temáticas, seguindo os princípios da análise de conteúdo, com ênfase na identificação de padrões discursivos e sentidos atribuídos à linguagem

nas interações educativas.

Embora os riscos da pesquisa sejam mínimos, admitiu-se a possibilidade de desconforto emocional, seja pelo tempo dedicado às respostas, pelas reflexões suscitadas sobre a prática docente ou por relatos de experiências marcantes em sala de aula. Por isso, foi garantido o anonimato, o direito à desistência e um espaço de escuta ética e respeitosa para todas as participantes.

Este trabalho contribuirá para a formação docente na EPT, por oferecer subsídios para a inclusão e o aperfeiçoamento da comunicação pedagógica, compreendida como prática social mediada pela linguagem.

A partir de uma perspectiva histórico-dialética, propõe-se a pensar a linguagem não apenas como instrumento de transmissão de conteúdos, mas como elemento constitutivo das relações educativas capaz de favorecer processos de emancipação, participação crítica e humanização no cotidiano escolar. Assim, pretende-se fortalecer práticas pedagógicas mais conscientes, dialógicas e comprometidas com a realidade concreta dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

5.1 Análise das falas das docentes

Foi conduzida uma roda de conversa com três professoras atuantes no curso Técnico em Secretaria Escolar, no Centro de Educação Profissional – Escola Técnica de Planaltina (CEP-ETP), utilizando-se um roteiro de questões semiestruturadas como instrumento orientador. Durante o processo de transcrição, foram suprimidos trechos que não apresentavam relação direta com as perguntas propostas, de modo a preservar a objetividade e a pertinência analítica do material.

– Análise Docente 1 –

A fala da Docente 1 revela uma compreensão profunda da linguagem como instrumento de aproximação ou afastamento na prática docente. Ela reconhece que o uso excessivamente formal ou técnico pode gerar barreiras cognitivas e afetivas, especialmente no contexto da educação profissional, em que muitos estudantes apresentam fragilidades na base escolar. Sua perspectiva enfatiza que a linguagem precisa ser adequada ao ritmo, ao tom e à realidade sociocultural da turma, mostrando sensibilidade para ajustar vocabulário, tom de voz, velocidade da fala e exemplos utilizados.

Ela demonstra forte atenção ao acolhimento, entendendo que o tom de voz e a postura comunicacional influenciam diretamente o engajamento: um tom “acolhedor”, um sorriso ou adaptação da seriedade são estratégias que, para ela, facilitam a compreensão e criam um ambiente seguro.

Destaca-se também sua prática de validar a experiência dos estudantes, inserindo-os como personagens nos exemplos e trazendo situações de seu próprio cotidiano. Além disso, ela capta nuances do contexto sociocultural, pobreza, falta de apoio familiar, trajetórias educacionais interrompidas e reconhece sua função como possível modelo e motivadora, reforçando como a linguagem pode atuar como instrumento de incentivo e transformação de expectativas de futuro.

Sua postura revela visão sensível, reflexiva e crítica do papel da comunicação na docência e de como adaptações linguísticas são necessárias para garantir equidade no processo educativo.

– Análise Docente 2 –

A Docente 2 destaca a linguagem como ferramenta de interação ativa, valorizando perguntas, diálogo e repetição de conteúdos por diferentes vias como estratégias que facilitam a aprendizagem. Ela reforça a importância de exemplos do cotidiano e da aproximação com

referências que fazem sentido para os estudantes, de modo semelhante à fala da Docente 1.

Um aspecto marcante em sua fala é a compreensão da escola como espaço de vínculo, não apenas de transmissão de conteúdos. Ela percebe que muitos estudantes, especialmente mulheres adultas, buscam na formação um espaço de acolhimento, interação social e fortalecimento pessoal diante das dificuldades vividas, cansaço, falta de apoio familiar, sobrecarga de trabalho. Isso faz com que a linguagem, segundo ela, exerça papel de suporte emocional, não apenas cognitivo.

Ela apresenta sensibilidade ao reconhecer estudantes que demonstram dificuldade por expressões não verbais, reservando momentos individuais ao final da aula para escuta e explicação. Além disso, entende a necessidade de ajustar o vocabulário em turmas com perfis distintos, por exemplo, estudantes mais velhos com dificuldade tecnológica. Assim, a linguagem aparece como prática adaptativa, relacional e humanizadora, central para a construção de pertencimento e motivação.

– Análise Docente 3 –

A Docente 3 enfatiza a linguagem como elemento essencial da comunicação pedagógica, afirmando que a informalidade moderada facilita a aproximação com os estudantes. Para ela, utilizar vocabulário simples e cotidiano é fundamental, sem excluir a necessidade de apresentar termos formais, desde que acompanhados de explicações acessíveis. Ela destaca que muitos estudantes não compreendem palavras comuns do discurso escolar, o que reforça sua defesa de uma linguagem clara, contextualizada e não distante da realidade dos alunos.

Sua fala evidencia uma forte valorização dos espaços de diálogo, como rodas de conversa no final das aulas, que permitem que os estudantes expressem vivências, dúvidas e sentimentos, entendendo essa prática como estratégia de aprendizagem e também de apoio emocional, pois muitos alunos vêm de contextos de vulnerabilidade, sem suporte familiar, com dificuldades socioeconômicas e baixa autoconfiança. Demonstra sensibilidade para lidar com a diversidade, reconhecendo a importância de adaptar linguagem, inclusive quando trabalha com grupos LGBTQIA+, ajustando termos para evitar preconceitos e assegurar respeito. Sua compreensão do papel docente ultrapassa o conteúdo, destacando a relevância de ser “amiga”, de incentivar e de servir como rede de apoio para estudantes inseguros, cansados ou que acreditam não ser capazes de aprender.

5.2 Análise das falas das estudantes

Foi aplicado um questionário composto por perguntas abertas para os estudantes

atuantes no curso Técnico em Secretaria Escolar, no Centro de Educação Profissional – Escola Técnica de Planaltina (CEP-ETP), resultando na obtenção de seis respostas, as quais passaram a integrar o conjunto de dados analisados na pesquisa.

Gráfico 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

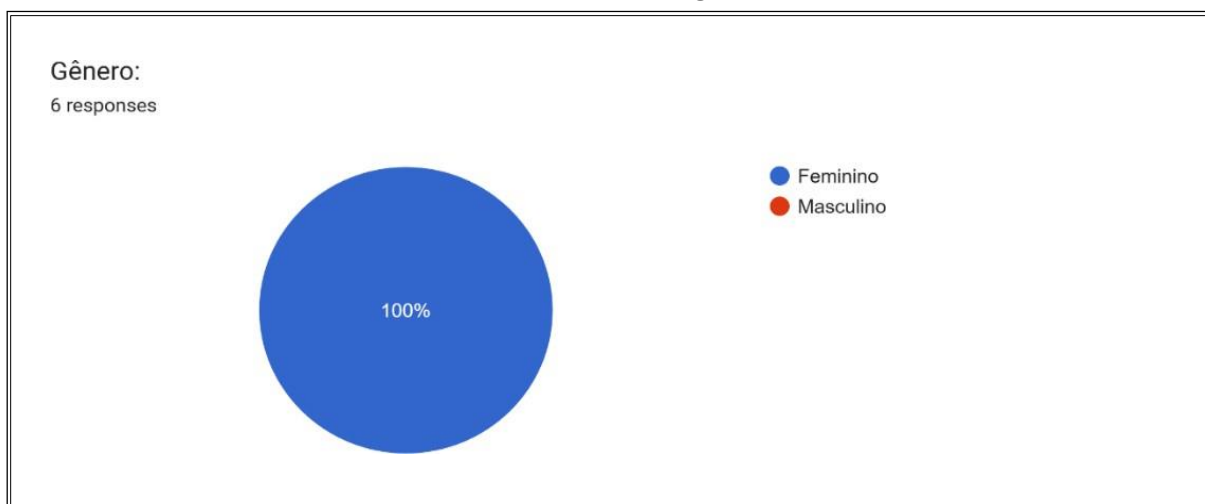


Fonte: Autora (2025).

O Gráfico 2, referente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, demonstra que 100% das participantes aceitaram participar da pesquisa, respondendo “sim” à autorização.

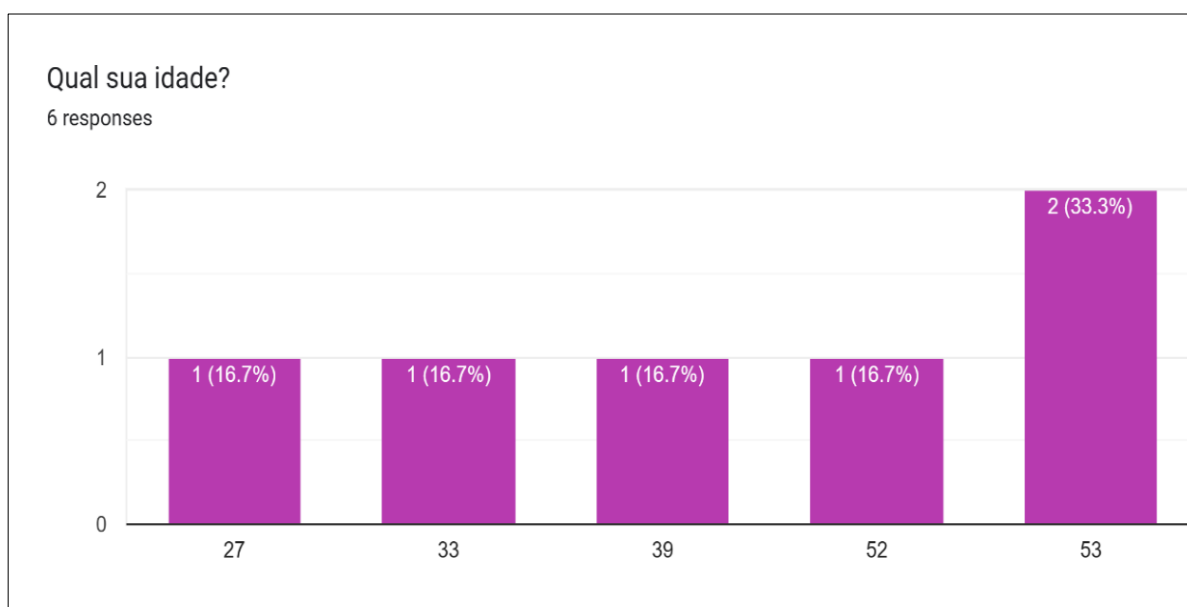
Esse resultado mostra um comprometimento significativo das respondentes com o estudo, além de indicar que todos compreenderam plenamente os objetivos e procedimentos da investigação antes de concordarem em participar.

A ausência de respostas negativas fortalece a legitimidade ética da pesquisa, evidenciando que as participantes se sentiram seguras e confortáveis para contribuir. Esse consenso também minimiza possíveis vieses relacionados à falta de compreensão ou à participação involuntária, garantindo que os dados coletados reflitam de forma transparente a disposição das participantes.

Gráfico 3 - Variável gênero

Fonte: Autora (2025).

O Gráfico 3, que representa a variável gênero, mostra que 100% das pessoas participantes se identificam como do gênero feminino. Essa homogeneidade no perfil demográfico do grupo é um dado importante, pois indica que a pesquisa foi respondida exclusivamente por mulheres. Dessa forma, a predominância feminina significa que as conclusões obtidas refletem majoritariamente a perspectiva desse grupo específico.

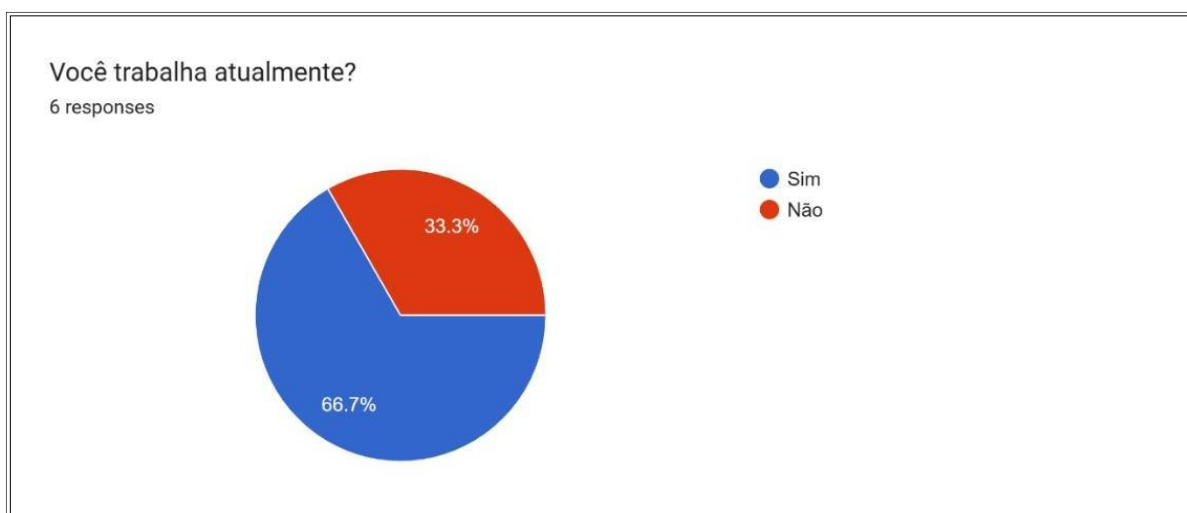
Gráfico 4 - Distribuição das participantes relativamente a diferentes faixas etárias

Fonte: Autora (2025)

No Gráfico 4, sobre idade, observa-se uma distribuição relativamente equilibrada entre diferentes faixas etárias, incluindo participantes com 27, 33, 39 e 52 anos, cada uma dessas faixas etárias representando 16,7% do total. Há uma concentração mais elevada na idade de 53 anos, que corresponde a 33,3% dos respondentes.

Essa diversidade etária indica que o estudo contou com a participação de adultos jovens, adultos de meia-idade e adultos mais experientes, proporcionando um panorama mais abrangente das percepções e vivências relacionadas ao tema investigado. A presença de múltiplas faixas etárias permite identificar possíveis nuances entre grupos geracionais, enriquecendo a análise e ampliando o alcance interpretativo dos resultados. Além disso, a predominância de participantes na faixa dos 53 anos pode sugerir maior interesse ou disponibilidade desse grupo específico em contribuir com pesquisas.

Gráfico 5 - Situação de trabalho



Fonte: Autora (2025).

O Gráfico 5, sobre a situação de trabalho, mostra que 66,7% das participantes estão empregadas, enquanto 33,3% não trabalham atualmente. Essa diferença aponta para uma maioria inserida no mercado de trabalho, o que pode influenciar diretamente suas experiências cotidianas e suas percepções sobre temas sociais, linguísticos e culturais, dependendo do enfoque da pesquisa.

Pessoas que trabalham tendem a apresentar rotinas mais estruturadas, além de vivenciar contextos comunicativos específicos, como relações profissionais, exigências de produtividade e interações formais. Por outro lado, o grupo que não trabalha também traz perspectivas importantes, pois pode vivenciar dinâmicas sociais distintas, como maior disponibilidade de tempo, diferentes níveis de estresse e outras formas de socialização. Assim, essa composição mista enriquece o conjunto de dados, permitindo uma análise mais abrangente e comparativa entre diferentes realidades de vida.

– Análise Estudante 1 –

A entrevista evidencia que a linguagem docente ocupa papel central na mediação dos processos de aprendizagem, influenciando diretamente a compreensão e o engajamento da

estudante. A primeira resposta revela que a forma de pronunciar e de se comunicar do professor pode facilitar ou dificultar o entendimento, indicando que aspectos como clareza, ritmo, organização do discurso e acessibilidade linguística afetam a recepção do conteúdo. Ao afirmar que a linguagem é “de suma importância”, relacionando leitura, escrita e comunicação à construção do conhecimento, a entrevistada demonstra compreender a linguagem como ferramenta estruturante do pensamento e não apenas como meio de transmissão de informações, sugerindo uma visão alinhada às teorias sociointeracionistas da aprendizagem.

Quando descreve o que considera pertinente na linguagem dos professores, destaca a clareza e a capacidade de prender a atenção, o que aponta para a relevância da didática discursiva, ou seja, de como o professor transforma saberes científicos em conhecimento compreensível aos estudantes. No entanto, também identifica barreiras quando essa comunicação não ocorre de modo claro ou quando não há esforço deliberado do docente para garantir que todos compreendam. Essa percepção mostra que a dificuldade não está apenas no conteúdo, mas no modo como ele é enunciado, evidenciando a linguagem pedagógica como possível ponto de exclusão ou inclusão.

Em relação às estratégias adotadas diante da incompreensão, ainda que a resposta não tenha sido explicitada, as demais falas sugerem que a Estudante 1 tende a buscar reorganização cognitiva por meio da repetição, da interação e da escuta ativa, além de ajustes emocionais para lidar com a frustração ou insegurança. A ausência de detalhamento também pode indicar que aprender a pedir ajuda ou verbalizar dúvidas ainda é um desafio diante das dinâmicas comunicativas da sala de aula.

A pergunta sobre sentir sua linguagem acolhida abre espaço para analisar pertencimento e identidade linguística no ambiente escolar. Embora não haja resposta textual, as falas anteriores demonstram que a estudante atribui grande valor à linguagem clara e acessível, o que sugere que, quando sua própria forma de falar é reconhecida, há maior participação e segurança. A relação entre contexto social e compreensão dos conteúdos também emerge como elemento implícito. Referências ao trabalho, família e comunidade influenciam não apenas o repertório linguístico da aluna, mas também as expectativas sobre a escola e o modo como ela interpreta discursos acadêmicos.

Ao refletir sobre conflitos ou incompreensões, ainda que não traga um caso concreto, a entrevista permite inferir que momentos de falha comunicativa podem gerar distanciamento entre aluno e professor, agravando tensões quando não há retomada ou reformulação da linguagem. Por outro lado, quando a comunicação é ajustada com explicações mais detalhadas ou exemplos próximos à realidade do estudante, a linguagem atua como mediadora para a resolução de problemas.

Por fim, a possibilidade de sugerir mudanças evidencia a consciência da entrevistada sobre a necessidade de comunicação docente mais clara, dialógica e adaptada, reforçando que melhorias na linguagem do professor podem aumentar engajamento, pertencimento e eficiência na aprendizagem.

– Análise Estudante 2 –

A entrevista apresentou um olhar bastante reflexivo sobre a função da linguagem no processo educativo. A entrevistada reconheceu o papel da comunicação clara, acolhedora e contextualizada, ressaltando que esses elementos influenciam diretamente sua motivação e capacidade de compreender os conteúdos. A ênfase na necessidade de evitar termos excessivamente técnicos e explicações rápidas também aparece de forma consistente, indicando uma preocupação com o alinhamento entre linguagem docente e repertório dos alunos.

No campo das estratégias de enfrentamento de dificuldades, a estudante destaca o uso de diferentes recursos, como releitura, vídeos e exemplos práticos, reforçando a noção de aprendizagem multimodal. Percebe-se uma postura ativa e investigativa, mesmo quando há sentimentos de insegurança ou constrangimento, como no episódio em que recebeu uma resposta impaciente do professor. Esse relato indica o impacto emocional da linguagem autoritária, que pode desencorajar questionamentos e minar a confiança do aluno.

A percepção sobre sua própria linguagem ser acolhida é ambígua, sugerindo que isso ocorre apenas em alguns contextos. Essa nuance revela que a qualidade da interação depende fortemente da postura do docente e da dinâmica da turma.

Ao relacionar o contexto social ao aprendizado, a entrevistada demonstra consciência de que suas vivências familiares, culturais e laborais influenciam a forma como atribui significado aos conteúdos escolares, alinhando-se à perspectiva de que o conhecimento é construído a partir de múltiplas camadas da experiência individual.

Por fim, suas sugestões para a comunicação docente com mais acolhimento, paciência e contextualização reforçam a importância de um ambiente de aprendizagem que valorize a escuta, a aproximação cultural e a construção conjunta do conhecimento.

– Análise Estudante 3 –

Esta entrevista apresenta respostas que exploram a relação entre linguagem, clareza e inovação no ambiente escolar. A participante destaca que uma das principais barreiras para a aprendizagem ocorre quando o professor não consegue apresentar o conteúdo de forma compreensível ou atualizada. Isso revela uma compreensão crítica de que a linguagem docente precisa acompanhar transformações sociais e pedagógicas, sendo capaz de dialogar com a realidade do aluno.

As estratégias utilizadas diante das dúvidas mostram uma estudante persistente e curiosa, que recorre a perguntas, pesquisas e anotações. O aspecto emocional aparece com força, já que ela admite sentir angústia quando não entende algo, mas também demonstra resiliência ao buscar compreender o conteúdo posteriormente. Essa articulação entre emoção e cognição evidencia a importância de ambientes de aprendizagem que reduzam a ansiedade e promovam segurança para que possam cometer erros.

A entrevistada afirma sentir-se acolhida e relata boa integração com colegas e professores, o que contribui para a participação ativa. Sua visão sobre o contexto social é bastante ampla: ela reconhece que trabalho, família, comunidade e cultura formam um conjunto interdependente que sustenta sua compreensão do mundo e dos conteúdos escolares. Essa percepção reforça a ideia de que a aprendizagem é um processo transversal e contínuo.

Nas lembranças de momentos de conflito ou dúvida, a entrevistada demonstra uma atitude conciliadora, sempre buscando resolver situações de maneira respeitosa. Por fim, ao sugerir mudanças na comunicação dos docentes, ela retoma uma dimensão histórica comparando práticas passadas, como a palmatória, até a realidade atual. Defende uma comunicação baseada no respeito, na clareza e na boa convivência. Isso mostra consciência crítica e maturidade ao pensar o papel social do professor.

– Análise Estudante 4 –

A entrevista revela uma compreensão bastante concreta da importância da linguagem no processo de aprendizagem, especialmente no que diz respeito ao papel comunicativo do professor. A estudante demonstra perceber o docente como o elo central na mediação do conhecimento, enfatizando que a clareza discursiva é indispensável para que o conteúdo seja compreendido e assimilado.

Essa perspectiva dialoga com concepções da pedagogia crítica que entendem a linguagem como ferramenta estruturante do ato educativo, pois a interação verbal constitui a base para a construção de significados e para a apropriação dos saberes escolares.

Um aspecto marcante nas respostas é a valorização de práticas docentes pautadas pelo acolhimento, pela exemplificação e pelo esclarecimento. A entrevistada associa esses elementos à sensação de segurança cognitiva, indicando que a linguagem afetivamente responsiva favorece o engajamento.

Por outro lado, aponta como barreira a falta de interesse docente diante das dificuldades dos alunos, demonstrando sensibilidade para questões de empatia e para a necessidade de personalização das estratégias comunicativas. Isso reforça que a comunicação pedagógica não

se limita à emissão de informações, mas envolve uma postura dialógica e atenciosa às especificidades dos estudantes.

Em relação às estratégias de aprendizagem, a entrevistada menciona a busca por auxílio dos professores e pesquisas na internet, revelando uma postura ativa diante das dúvidas. Entretanto, também admite uma participação mais observadora em sala de aula, indicando que sua linguagem nem sempre se manifesta com espontaneidade. Esse dado sugere que, embora se sinta acolhida, ainda há fatores subjetivos, como timidez ou insegurança, que modulam sua presença na interação didática.

Outro ponto relevante é a percepção de que o contexto social amplia a compreensão dos conteúdos escolares. A estudante reconhece que sua realidade familiar, comunitária e territorial influenciam a forma como atribui sentido aos temas estudados, demonstrando uma concepção ampliada de aprendizagem como fenômeno situado. Finalmente, destaca sua satisfação com os professores, reforçando a importância de vínculos positivos na construção do processo educativo.

– Análise Estudante 5 –

As respostas desta entrevistada evidenciam uma reflexão mais elaborada sobre a função da linguagem no ambiente escolar, especialmente no que diz respeito à clareza e ao ritmo da fala docente. A estudante associa diretamente o modo de comunicar do professor com o nível de compreensão do conteúdo, identificando que explicações rápidas, confusas ou excessivamente técnicas prejudicam o processamento das informações. Essa percepção demonstra consciência metacognitiva e alinhamento com estudos que indicam que a compreensão leitora e oral dependem fortemente da adequação linguística ao repertório do aluno.

A entrevistada atribui grande relevância à linguagem como mediadora da aprendizagem e da expressão das próprias ideias. Essa visão evidencia que o discurso não apenas transmite conteúdos, mas constitui um espaço de participação, identidade e reconhecimento. Também aponta como qualidades importantes a simplicidade, a objetividade e a calma, destacando que uma comunicação acessível favorece a inclusão de diferentes perfis de alunos.

Em seus relatos sobre estratégias de enfrentamento de dúvidas, a estudante menciona a necessidade de manter a calma, reler conteúdos e revisar explicações. Esse detalhamento do processo emocional sugere que a relação entre linguagem e aprendizagem não se restringe ao campo cognitivo, mas envolve também a regulação emocional. A referência a professores que adaptam sua linguagem ao aluno reforça o papel essencial da sensibilidade pedagógica.

O exemplo apresentado sobre sua experiência negativa com o ensino de Física, marcado por impaciência e falta de clareza, demonstra o impacto duradouro que práticas comunicativas

inadequadas podem ter na formação escolar. A estudante relata ter desenvolvido aversão e desconforto com a disciplina, evidenciando que a linguagem docente pode agravar inseguranças e comprometer a autoestima intelectual.

Por fim, ao sugerir aulas mais dinâmicas, a entrevistada sinaliza a necessidade de metodologias que integrem linguagem, interação e estratégias ativas de ensino, reforçando que a comunicação eficaz não se limita ao discurso, mas envolve todo o *design* pedagógico.

– Análise Estudante 6 –

Esta entrevista apresenta respostas mais diretas, porém densas em significado, especialmente quanto à relevância da clareza e do diálogo no ambiente escolar. A estudante entende a linguagem como um recurso fundamental para a aprendizagem, destacando que explicações objetivas e bem organizadas facilitam a assimilação dos conteúdos. A relação entre linguagem e escuta é central em sua fala: ela reconhece que a ausência de diálogo ou de atenção às dúvidas dos alunos constitui um obstáculo significativo para o aprendizado, o que revela uma compreensão madura sobre práticas comunicativas democráticas.

A estudante demonstra autonomia ao buscar apoio em colegas, professores e fontes externas quando enfrenta dificuldades. Essa postura reflete estratégias de aprendizagem diversificadas e uma disposição para construir conhecimento de forma colaborativa. A menção a um episódio em que o professor falava muito rápido e a subsequente explicação mais acessível reforçam sua valorização de práticas docentes sensíveis ao ritmo dos estudantes e à diversidade de modos de aprender.

Quanto à relação com o contexto social, a entrevistada reconhece que suas experiências de vida moldam sua interpretação do mundo e, conseqüentemente, dos conteúdos educacionais. Esse entendimento reforça a perspectiva sociocultural da aprendizagem, na qual o conhecimento é sempre mediado pelas vivências do sujeito.

Outro ponto relevante é o sentimento de acolhimento linguístico. A estudante afirma sentir-se ouvida e respeitada, indicando que o ambiente escolar propicia espaço para a expressão pessoal. Isso contribui não apenas para a participação, mas também para a construção de vínculos e confiança, fatores essenciais para o desenvolvimento acadêmico.

Ao sugerir melhorias, a estudante destaca a necessidade de explicações mais claras, lentas e com exemplos do cotidiano, ressaltando que a aproximação entre linguagem escolar e linguagem da vida real favorece a aprendizagem significativa.

6 PRODUTO EDUCACIONAL

A elaboração de produtos educacionais constitui uma exigência fundamental dos Mestrados Profissionais, especialmente na área de Ensino e Educação, na qual as pesquisas devem resultar em materiais que retornem ao contexto educacional do pesquisador, articulando teoria, prática e intervenção qualificada no campo de atuação profissional (Gonçalves *et al.*, 2019; Pinheiro; Aires, 2023).

O produto educacional aqui apresentado consiste no “Guia A Linguagem como Ferramenta de Mediação Pedagógica na EPT”, apresentado em formato digital – em PDF – e direcionado aos professores da Educação Profissional e Tecnológica, da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Sua fundamentação articula os pressupostos do Materialismo Histórico-dialético, apresentando conteúdos acessíveis e aplicáveis ao cotidiano escolar. Está organizado em três partes: 1) embasamento teórico, 2) prática no chão da escola e 3) orientações educacionais. Após sua elaboração, o Guia foi validado junto a professores participantes da pesquisa, permitindo ajustes antes de sua disponibilização ampla.

O objetivo das orientações é apoiar e capacitar professores da EPT no uso eficiente da linguagem na mediação pedagógica, contribuindo para a melhoria da interação professor–aluno e para a promoção de aprendizagens significativas.

De acordo com Gonçalves *et al.* (2019), os desafios incluem adotar uma linguagem adequada ao público, garantir replicação por terceiros, possibilitar acesso livre e atender a critérios de acessibilidade.

A proposta do Guia é servir como material de apoio formativo, com o objetivo de contribuir para a reflexão crítica e o aperfeiçoamento das práticas comunicacionais docentes a partir da mediação pedagógica da linguagem, dialogar com os fundamentos teórico-metodológicos do Materialismo Histórico-dialético e da abordagem sociointeracionista da linguagem, apresentando conteúdos acessíveis e aplicáveis ao cotidiano escolar. Além de funcionar como instrumento de autoformação poderá ser utilizado em ações de formação continuada promovidas pela SEEDF, como encontros pedagógicos, oficinas ou grupos de estudo, fortalecendo a construção coletiva do conhecimento e a valorização da experiência docente no âmbito da EPT. O objetivo é capacitar esses profissionais no uso eficiente da linguagem para melhorar a interação pedagógica e a aprendizagem.

Após a conclusão, o Guia foi testado com 3 professoras voluntárias da SEEDF, as mesmas que participaram da pesquisa, seguido de avaliação por questionário *on-line* para identificar limitações, potencialidades e contribuições. Após ajustes, foi disponibilizado em parceria com a

SEEDF para todos os professores interessados, promovendo acesso amplo e gratuito.

As informações básicas do planejamento estão nos quadros a seguir.

Quadro 2 - Apresentação do Produto Educacional

Identificação	Detalhes
Tipo de produto	Guia de orientações educacionais
Título	Guia: A Linguagem como Ferramenta de Mediação Pedagógica na EPT
Público-alvo	Professores da EPT da SEEDF
Formato	Digital (PDF)
Carga horária	Uso flexível (autoformação ou em ações de formação continuada)
Modalidade	Material de apoio formativo (autoformação)
Duração estimada	Conforme a necessidade do docente
Local de oferta	<i>On-line</i>
Requisitos de ingresso	Atuar na EPT, preferencialmente na SEEDF
Forma de ingresso	Validação-piloto com docentes participantes e posterior disponibilização gratuita <i>on-line</i>
Justificativa	Atende à exigência do Mestrado Profissional e capacita professores no uso da linguagem na EPT, promovendo inclusão e qualidade no ensino, alinhado ao enfrentamento das desigualdades educacionais
Objetivo geral	Capacitar professores para o uso eficiente da linguagem na mediação pedagógica na EPT, promovendo aprendizagem significativa
Objetivos específicos	1) introduzir conceitos de mediação linguística; 2) a prática docente da EPT; 3) orientações para os docentes da EPT

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

O Quadro 2 detalha o Guia desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional, que é um recurso que visa capacitar docentes da EPT da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal no uso eficaz da linguagem como instrumento mediador no processo de ensino-aprendizagem. Foi elaborado para ser de fácil compreensão e aplicação, possibilitando que os professores o utilizem de forma autônoma, conforme suas demandas e contextos pedagógicos. Disponibilizado de forma *on-line*, por meio da plataforma da SEEDF, sua acessibilidade e ampla distribuição favorecem práticas educativas mais flexíveis, alinhadas às necessidades da Educação Profissional e Tecnológica.

O material propõe reflexões e orientações que dialoguem com a prática docente, estimulando a apropriação crítica da linguagem como ferramenta de mediação nas relações

educativas, em consonância com os princípios da teoria histórico-cultural. Destina-se prioritariamente a professores que atuam na EPT no âmbito da SEEDF, podendo também apoiar docentes de contextos similares.

O objetivo principal é apoiar e capacitar professores para utilizarem a linguagem de maneira consciente e eficiente na mediação pedagógica, favorecendo a aprendizagem significativa e a qualidade das interações em sala de aula. Os objetivos específicos incluem a apresentação de conceitos de mediação linguística, a prática docente da EPT e orientações para os docentes da EPT.

A análise da aplicação do produto educacional foi realizada com base nos registros produzidos no contexto da pesquisa e nas sínteses analíticas das contribuições das três docentes participantes, apresentadas no tópico 6.1. As devolutivas evidenciaram percepções convergentes quanto à relevância do material, à clareza da linguagem e ao potencial de aplicabilidade pedagógica do Guia ao contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Também foram identificados apontamentos relacionados ao aprimoramento da organização do conteúdo. Com base nessas contribuições, procedeu-se ao refinamento da versão final do produto educacional.

6.1 Da aplicação à definição final do produto

6.1.1 APLICAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

A etapa final desta pesquisa compreendeu a aplicação do produto educacional junto a três professoras participantes, com o objetivo de analisar sua pertinência pedagógica, sua clareza comunicativa e sua potencial contribuição para a prática docente na Educação Profissional e Tecnológica. Essa etapa permitiu verificar no contexto da investigação em que medida o material elaborado dialoga com as necessidades formativas evidenciadas ao longo do estudo e com os desafios vivenciados pelas docentes em suas práticas de mediação pedagógica.

A aplicação do produto possibilitou reunir impressões, avaliações e sugestões relacionadas à organização do conteúdo, à linguagem utilizada, à relevância das orientações apresentadas e à adequação do material ao público a que se destina. Nesse movimento, foi analisado não apenas como resultado derivado da pesquisa, mas como recurso formativo construído em interlocução com o contexto empírico que lhe deu origem.

Considerando os objetivos desta dissertação, a apreciação das professoras incidiu especialmente sobre aspectos como a clareza da linguagem, a contextualização das discussões, a utilidade pedagógica das orientações propostas, a articulação entre teoria e prática, e a possibilidade de utilização do material em situações concretas de ensino. Tais dimensões mostram-se diretamente relacionadas ao propósito do estudo, que consiste em refletir sobre a

linguagem como elemento constitutivo da mediação pedagógica e, a partir disso, propor um material de apoio que contribua com o trabalho docente na EPT.

6.1.2 DISCUSSÃO ANALÍTICA DAS DEVOLUTIVAS

As devolutivas das professoras revelam um material que se destaca por sua capacidade de alinhar a teoria pedagógica às exigências práticas e sociais da modalidade. O principal mérito do Guia, conforme apontado pelas professoras, reside na utilização de uma linguagem clara e acessível, que consegue transpor conceitos complexos para uma comunicação fluida e inclusiva. Esse aspecto é fundamental, pois permite que o material não seja apenas um documento normativo, mas uma ferramenta de apoio real para o professor que atua na ponta, facilitando a compreensão de que a EPT deve ser conduzida por uma formação integral.

Em vez de focar estritamente no preparo técnico para o mercado de trabalho, o Guia é elogiado por valorizar a dimensão humana, promovendo o sentimento de pertencimento, a motivação e a interação social como elementos indissociáveis do aprendizado profissional.

As observações apresentadas pelas participantes reforçam elementos que já haviam emergido nas etapas anteriores da investigação, sobretudo no que se refere à necessidade de uma comunicação docente atenta aos diferentes perfis estudantis, ao uso de exemplos significativos, à escuta como dimensão constitutiva da prática educativa e à adaptação da linguagem às especificidades do contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Nesse sentido, o processo de avaliação do produto não apenas confirma a pertinência dos fundamentos que sustentam o produto educacional, como também amplia a compreensão sobre sua aplicabilidade no cotidiano escolar.

A análise das respostas permitiu identificar tanto aspectos valorizados pelas docentes quanto pontos de aprimoramento importantes para a consolidação da versão final do material. Entre os elementos reconhecidos positivamente, destacam-se a relevância do tema, a organização didática do conteúdo e o potencial de apoio à formação e à prática docente. Ao mesmo tempo, as sugestões apresentadas contribuíram para qualificar a estrutura do produto, tornando-o mais coerente com as demandas do público-alvo e com o propósito formativo assumido pela pesquisa.

Apesar dessas observações pontuais sobre a forma, a recomendação do Guia é unânime entre as avaliadoras, que enxergam nele um alinhamento preciso com as expectativas contemporâneas para a docência na EPT. A avaliação final aponta para uma ferramenta essencial que incentiva o professor a adotar uma postura mais próxima, participativa e conectada com a realidade do estudante. Ao promover uma educação que é simultaneamente

técnica, crítica e social, o Guia cumpre seu papel de orientar a formação de profissionais que não apenas dominam o seu ofício, mas que se reconhecem como sujeitos ativos e integrados à sociedade, consolidando-se como um referencial valioso para a atualização constante das equipes docentes.

Quadro 3 – Pesquisa e Produto

Eixo analítico	Evidências extraídas das falas docentes na pesquisa	Implicação na realização do produto educacional
Clareza e adequação vocabular	As docentes indicaram que o excesso de formalismo e de linguagem técnica pode afastar os estudantes, enquanto explicações claras e progressivas favorecem a compreensão.	Manutenção de linguagem acessível, definição de termos e uso de explicações.
Contextualização e exemplos do cotidiano	As participantes destacaram a importância de aproximar o conteúdo da realidade dos estudantes por meio de situações concretas, exemplos e analogias do dia a dia.	Ampliação de exemplos práticos e orientações aplicáveis ao cotidiano pedagógico da EPT.
Diálogo, escuta e participação	As falas apontaram a relevância das rodas de conversa, da abertura para dúvidas e da criação de espaços de escuta ativa para fortalecer vínculos pedagógicos.	Reforço de estratégias dialógicas
Acolhimento e vínculo pedagógico	As professoras associaram a linguagem acolhedora à aproximação com os estudantes, à redução de barreiras e à melhoria do engajamento em sala de aula.	Inclusão de orientações sobre tom de voz, postura comunicativa, acolhimento e construção de pertencimento.
Aplicabilidade na formação docente	Os elementos valorizados pelas docentes indicam a necessidade de um material sintético, utilizável em autoformação, reuniões pedagógicas e formação continuada.	Organização do material em capítulos curtos, linguagem objetiva e foco em recomendações pedagógicas transferíveis à prática.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas falas das docentes participantes da pesquisa.

6.1.3 DO PROTÓTIPO À VERSÃO FINAL DO PRODUTO EDUCACIONAL

A versão final do produto educacional foi definida a partir da articulação entre os resultados da pesquisa, a fundamentação teórica mobilizada e as contribuições apresentadas pelas professoras durante a aplicação-piloto. Esse processo de reelaboração permitiu refinar o material, fortalecendo sua consistência acadêmica, sua organicidade interna e sua utilidade pedagógica como instrumento de apoio ao trabalho docente.

Entre os ajustes realizados, destacam-se o aprimoramento da redação de trechos voltados às orientações pedagógicas e maior didática ao Guia. Os achados empíricos da passagem do protótipo à versão final também evidenciam que o produto educacional nesta pesquisa não se limita a um desdobramento instrumental da dissertação. Ao contrário, constitui uma síntese aplicada do percurso investigativo, elaborada a partir do diálogo entre teoria, empiria e prática docente. Sua configuração final expressa, portanto, um movimento de elaboração crítica que incorpora as experiências, percepções e necessidades identificadas no campo, convertendo-as em orientação pedagógica acessível e socialmente referenciada.

Desse modo, o “Guia: A Linguagem como Ferramenta de Mediação Pedagógica na EPT” consolida-se como produto educacional alinhado aos objetivos desta pesquisa e ao contexto em que foi produzido, apresentando potencial para circular em espaços de formação continuada e contribuir de forma concreta para o fortalecimento das práticas de mediação pedagógica na Educação Profissional e Tecnológica.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como eixo central a análise da linguagem como elemento constitutivo da mediação pedagógica na Educação Profissional e Tecnológica, tomando como referência as experiências e percepções de docentes atuantes nesse campo. Ao longo da investigação, buscou-se compreender de que maneira a linguagem atravessa as relações pedagógicas, interfere nos processos de ensino-aprendizagem e participa da construção de práticas mais dialógicas, contextualizadas e sensíveis às especificidades dos sujeitos que compõem a EPT. Partiu-se do entendimento de que a docência, nesse contexto, não se limita à transmissão de conteúdos, mas se realiza também pela forma como o conhecimento é comunicado, compartilhado, problematizado e ressignificado nas interações cotidianas.

Os resultados evidenciaram que a linguagem ocupa lugar central na organização do trabalho pedagógico, na aproximação entre docente e estudante e na construção de ambientes de aprendizagem mais acolhedores e significativos. As falas das participantes revelaram que a clareza na comunicação, a escolha de exemplos vinculados à realidade dos estudantes, a escuta atenta, o respeito às diferenças de repertório e a adequação do vocabulário às necessidades da turma são dimensões fundamentais para a efetivação da mediação pedagógica. Mais do que recurso instrumental, a linguagem mostrou-se prática social e pedagógica que pode favorecer o vínculo, a participação, a compreensão dos conteúdos e o engajamento discente.

Nesse sentido, a pesquisa permitiu identificar que os desafios da docência na EPT não dizem respeito apenas à organização curricular ou ao domínio técnico dos conteúdos, mas também à forma como o professor produz sentidos em sala de aula, estabelece interlocução com os estudantes e cria condições para que o processo educativo seja mais inclusivo, compreensível e socialmente referenciado. As análises desenvolvidas apontam, assim, para a necessidade de valorizar nos processos formativos docentes a dimensão linguística da prática pedagógica, entendendo-a como componente essencial da ação educativa e da construção de relações de ensino mais potentes.

A partir desses achados, o produto educacional elaborado no âmbito desta dissertação constituiu-se um desdobramento aplicado da pesquisa, materializando, em linguagem acessível e organização didática, os principais elementos discutidos ao longo do estudo. O Guia de Orientações foi concebido com o propósito de oferecer subsídios ao trabalho docente na Educação Profissional e Tecnológica, reunindo orientações, reflexões e encaminhamentos que dialogam diretamente com os desafios identificados no campo empírico. Sua elaboração buscou manter coerência com a fundamentação teórica adotada, com as vozes das participantes e com

a proposta de contribuir, de forma objetiva, para práticas pedagógicas mais conscientes do papel da linguagem nos processos formativos.

A aplicação do produto educacional a três professoras participantes da pesquisa representou etapa importante para a consolidação de sua versão final. As devolutivas obtidas permitiram verificar a pertinência do material, sua clareza expositiva, sua relevância para a prática pedagógica e seu potencial de utilização em contextos de formação e atuação docente. De modo geral, as avaliações reforçaram a importância de um material que trate da linguagem não de forma abstrata, mas vinculada às situações concretas do cotidiano escolar, às necessidades dos estudantes e às exigências específicas da EPT. As sugestões apresentadas pelas professoras também contribuíram para o aprimoramento do produto, permitindo refinar sua estrutura, sua redação e a forma de apresentação das orientações pedagógicas.

No plano das contribuições, esta pesquisa avança ao evidenciar a linguagem como dimensão estratégica da mediação pedagógica na EPT e ao propor um produto educacional comprometido com a qualificação da prática docente. Ao tematizar a linguagem em sua relação com o acolhimento, a clareza, o diálogo, a contextualização e a construção de sentidos no processo de ensino, o estudo oferece subsídios relevantes para reflexões sobre formação de professores, práticas de ensino e organização do trabalho pedagógico nesse campo. Além disso, o produto educacional amplia o alcance da pesquisa ao traduzir seus resultados em material de apoio passível de utilização por docentes interessados em revisar e fortalecer suas formas de interação pedagógica.

Em síntese, esta dissertação demonstra que refletir sobre a linguagem no exercício da docência significa refletir sobre a própria qualidade das relações pedagógicas construídas na Educação Profissional e Tecnológica. Ao evidenciar a linguagem como mediação fundamental entre sujeitos, saberes e experiências, o estudo reafirma sua importância para a construção de práticas educativas mais humanizadas, contextualizadas e formativamente potentes. Nessa direção, o produto educacional constitui uma resposta concreta ao problema investigado, articulando conhecimento acadêmico, escuta do campo e aplicabilidade pedagógica numa proposta comprometida com o fortalecimento do trabalho docente na EPT.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Problems of Dostoevsky's poetics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984. (Theory and history of literature; v. 8).
- BORGES, L. F. P. Educação, escola e humanização em Marx, Engels e Lukács. **Revista Educação em Questão**, v. 55, n. 45, p. 101-126, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/12747>. Acesso em: fev. 2025.
- BRANDÃO, Z.; BAETA, A. M. B.; ROCHA, A. D. C. **Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1986.
- FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, C. É. L. C. *et al.* (Alguns) desafios para os produtos educacionais nos mestrados profissionais nas áreas de Ensino e Educação. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, v. 5, n. 10, p. 74-87, 2019. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/500>. Acesso em: 15 abr. 2026.
- GONÇALVES, P. C. S.; HORVATH, J. E.; BRETONES, P. S. Estado da arte de pesquisas sobre a educação em cosmologia. **Ciência & Educação**, Bauru, SP, v. 28, e2204, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SPf5ZwJ5Xq794y7yy6ysxrn/>. Acesso em: fev. 2025.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEITE, P. S. C. Contribuições do materialismo histórico-dialético para as pesquisas em mestrados profissionais na área de ensino de humanidades. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 1., 2017, Salamanca, ES. **Atas [...]**. Salamanca, ES: Ludomedia, 2017. p. 847-856. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/140>.
- LIMA, M. E. O. *et al.* Construção e validação da escala de racismo revitimizador. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, PR, v. 11, n. 2, p. 111-130, 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v11n2/v11n2a08.pdf>. Acesso em: fev. 2025.
- LUCKESI, C. C. Educação e sociedade: redenção, reprodução e transformação. In: LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 51-70.

LUKÁCS, G. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**: temas de ciências humanas. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MARQUES, L. P.; MARQUES, C. A. Dialogando com Paulo Freire e Vigotski sobre educação. *In*: REUNIÃO DA ANPED - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29., 2011, Juiz de Fora. **Anais [...]**. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <https://anped.org.br/wp-content/uploads/2024/05/gt13-1661-int.pdf>. Acesso em: fev. 2025.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MATTAR, J.; RAMOS, D. K. **Metodologia da pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. São Paulo: Edições 70, 2021.

OLIVEIRA, M. K. **Vigotski**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

PINHEIRO, F. F. P. S.; AIRES, J. P. Orientações para elaboração de produtos educacionais no mestrado profissional em ensino: exemplificando os tipos de produtos. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 16, n. 8, p. 12.151-12.168, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/1667>.

PRADOS, R. M. N.; REGO, F. A. Trabalho docente em educação profissional: reflexões sobre a comunicação pedagógica. **ECCOM**, v. 13, n. 26, p. 230-239, 2022.

SILVA, A. P. P. N.; SOUZA, R. T.; VASCONCELLOS, V. M. R. O estado da arte ou o estado do conhecimento. **Educação**, v. 43, n. 3, e37452, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/37452>. Acesso em: fev. 2025.

VERDIAL, E. de S. A comunicação pedagógica no ensino superior: um estudo da interlocução professor-estudante. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA, 10., 2018, Uberaba. **Anais [...]**. Uberaba, MG: ABED, 2018.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *In*: LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N.; VIGOTSKI, L. S. *et al.* **Psicologia e pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Lisboa: Estampa, 2001.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2010.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DAS ESTUDANTES

PERGUNTAS DOS ESTUDANTES DO GOOGLE FORMS:

- 1) A forma como o professor fala pode ajudar ou atrapalhar seu aprendizado?
- 2) Como você enxerga a importância da linguagem para seu aprendizado?
- 3) O que você considera que dentro da linguagem dos professores é pertinente para auxiliar na sua aprendizagem?
- 4) O que você considera que dentro da linguagem dos professores pode ser uma barreira para sua aprendizagem?
- 5) Quando você não entende algo, quais estratégias você costuma adotar para tentar compreender? Fale sobre como você se organiza cognitivamente e emocionalmente nesses momentos.
- 6) Você sente que sua própria linguagem é acolhida na sala de aula? Explique de que maneira isso influencia sua participação.
- 7) Como você percebe a relação entre o contexto social em que você vive e a forma como você compreende os conteúdos da escola? Fale sobre influências de trabalho, família, território, cultura e comunidade.
- 8) Fale sobre algum momento de conflito, dúvida ou incompreensão na sala de aula que você já viveu. Como a linguagem foi usada para resolver ou agravar a situação?
- 9) Se você pudesse sugerir mudanças na forma como os professores se comunicam na sala de aula, quais seriam? Explique por que essas mudanças seriam importantes para o seu processo de aprendizagem.

RESPOSTAS ESTUDANTE 1:

- 1) Sim, a forma de se pronunciar pode tanto ajudar como atrapalhar.
- 2) A importância da linguagem para o meu aprendizado, ou seja, para o aprendizado em geral é de suma importância devido que quanto mais se comunicar, se interagir, se escrever, se ler, mais aprender, a linguagem está sempre em transformação, tanto que um pouco se escreve uma ideia, hoje escrevemos ideia.
Considerado pertinente dentro da linguagem dos professores, quando o(a) professor(a), nos transmite seu conhecimento de forma clara, de maneira que nos prende, pois nossos mestres sempre procuram passar seus conhecimentos para que também possam transferir o que aprender.
- 3) Consideramos uma barreira dentro da linguagem dos professores quando eles não transmitem o conteúdo de forma clara, ou não buscam.
- 4) Não respondeu.
- 5) Não respondeu.
- 6) Não respondeu.
- 7) Não respondeu.
- 8) Não respondeu.

RESPOSTAS ESTUDANTE 2:

- 1) Não respondeu
- 2) Não respondeu
- 3) Não respondeu
- 4) Consideramos uma barreira dentro da linguagem dos professores quando eles não transmitem o conteúdo de forma clara, sem inovações.
- 5) Busco saber o que é, como é, o que fazer, perguntar, pesquisando, as vezes levo um tempo pra assimilar, mas procurar entender, muitas das vezes faço anotações pra depois me informar, cognitivamente e emocionalmente tento prestar atenção, e assimilar com o que busquei entender, e muitas das vezes quando não entendo sinto angustiada, mas logo tento aprender.
- 6) Sim, pois sou comunicativo e me interago bastante e sempre meus colegas se interagem e dedicados também.
- 7) Entre o contexto social em que vivo e a forma como compreender os conteúdos da escola é que o que vivo em sociedade está sempre relacionado com o conteúdo da escola, tanto em família que busco ter um bom convívio e me procurar relacionar bem com meus familiares, tanto no trabalho que me procurar relacionar bem e me dedicar, quanto em comunidade, e a aprendizagem é um

todo, comunidade, família, escola, cultura, e por viver num contexto social que considero muito bom, assimilo bem os conteúdos. Já vivi vários momentos de dúvidas, incompreensões e conflitos, mas sempre busquei resolver a forma de importação.

- 8) Antigamente os professores falavam a palmatória, e hoje são eles que sofrem com os alunos agressivos, então tanto nós alunos quanto professores, a melhor forma de comunicarmos, a meu ver, é de forma clara, precisa, com conteúdo, com respeito, buscando sempre o emprego das boas maneiras, de aprimorar nossos conteúdos.

RESPOSTAS ESTUDANTE 3:

- 1) Ajuda
- 2) Importante para a vida social e trabalho
- 3) A linguagem dos professores é mais eficiente quando é clara, acolhedora, contextualizada e organizada, pois isso facilita a compreensão, estimula o interesse e ajuda a fixar o conhecimento.
- 4) Eu considero que, dentro da linguagem dos professores, uma das barreiras para a minha aprendizagem é quando eles utilizam termos muito técnicos ou explicações muito rápidas, sem verificar se todos os alunos estão acompanhando. Às vezes, a forma de falar pode parecer distante ou formal demais, o que dificulta a conexão com o conteúdo.
- 5) Quando não entendemos algo, costumamos adotar algumas estratégias: primeiro, tentar reler ou rever o conteúdo com calma; se ainda restem dúvidas, procure vídeos, exemplos práticos ou explicados em outras fontes, porque isso ajuda a enxergar o assunto de outro jeito.
- 6) Sinto que, em alguns contextos, a minha própria linguagem é acolhida na sala de aula, especialmente quando me consigo expressar de um jeito mais natural, como eu realmente falo no meu cotidiano.
- 7) Percebo que o contexto social em que vivo influencia diretamente o meu modo de compreender os conteúdos escolares. Minha experiência com trabalho, responsabilidades familiares e a cultura do lugar onde moro ajuda a dar sentido ao que aprendo, porque posso relacionar conceitos escolares à minha realidade.
- 8) Há uns anos atrás um momento de conflito que já vivi em sala de aula foi quando não entendi uma explicação e perguntei novamente, mas a resposta veio de forma impaciente, como se fosse algo “óbvio”. Isso me deixou constrangido. Diminuiria a insegurança na hora de perguntar e ajudaria a aproximar o conteúdo da vida real de cada estudante. Além disso, um ambiente de comunicação mais acolhedora fortalece a confiança, a participação e o desenvolvimento de todos.

RESPOSTAS ESTUDANTE 4:

- 1) Ajuda
- 2) Muito importante
- 3) Clareza e objetividade
- 4) Falta de escuta e diálogo
- 5) Se eu não entendo, procure ajuda — sugestões ao professor, a um colega ou pesquiso em outras fontes.
- 6) Sim, sinto, porque posso me expressar do meu jeito e o professor me escuta.
- 7) Eu percebo que o contexto social em que eu vivo influencia muito na forma como eu entendo os conteúdos da escola. A minha família, o lugar onde moro e as pessoas com quem convive ajudam a formar o jeito como eu vejo o mundo.
- 8) Uma vez, na aula de matemática, não entendi a explicação porque o professor falava muito rápido. Fiquei com vergonha de perguntar e acabei me confundindo mais. Depois ele explicou de outro jeito, com palavras mais simples, e aí consegui entender. Percebi que o jeito de falar faz muita diferença pra aprender.
- 9) Eu sugiro que os professores falem de um jeito mais claro e devagar, usando exemplos do dia a dia. Também seria bom que esse fosse mais espaço para os alunos perguntarem e explicarem com suas próprias palavras.

RESPOSTAS ESTUDANTE 5:

- 1) Sim, porque quando o professor fala de um jeito claro e calmo, é mais fácil entender. Mas se ele fala muito rápido ou de forma confusa, fica difícil aprender.
- 2) A linguagem é muito importante para o meu aprendizado, porque é por meio dela que eu

entendo as explicações, faço perguntas e expesso minhas ideias

- 3) Eu considero que o mais importante é o professor usar uma linguagem clara, simples e objetiva
- 4) Acho que o que pode ser uma barreira é quando o professor usa palavras muito difíceis, fala muito rápido ou não explica bem. Quando eu não entendo algo, primeiro tento manter a calma para não ficar nervoso ou frustrado. Depois, releio o conteúdo ou escudo novamente a explicação
- 5) a alguns professores que tentam fazer isso pelo aluno, tentam se adaptar a linguagem do aluno e com isso ajuda muito
- 6) Eu percebo que o contexto social em que eu vivo influencia bastante na forma como eu entendo os conteúdos da escola. A família, por exemplo, pode ajudar quando incentiva os estudos e apoia nas tarefas. O trabalho e a rotina também influenciam, porque às vezes o cansaço ou a falta de tempo dificultam o aprendizado
- 7) para mim no ensino médio tive uma péssima impressão da matéria de física, meu professor não era muito de explicar e perdia o paciente muito rápido, então infelizmente até hoje não sei nada de física e pegando um certo desconforto com a matéria
- 8) acredite que uma aula mais dinâmica e melhor para entender os conteúdos aplicados

RESPOSTAS ESTUDANTE 6:

- 1) com certeza, é com o professor que temos o elo mais próximo, se a comunicação não for clara o entendimento e o aprendizado não acontece.
- 2) muito importante
- 3) esclarecer, acolhimento e exemplificação dos assuntos.
- 4) falta de interesse pelas dificuldades que os alunos estão tendo.
- 5) consulta aos professores, e faço consultas na internet.
- 6) não gosto muito de participar, fico mais observando.
- 7) Compreender que os conteúdos da escola vão além das aulas: envolve a reflexão de que o aprendizado é construído a partir da realidade social de cada estudante, em diálogo com seu trabalho, sua família e sua comunidade.
- 8) Não respondeu.
- 9) No momento, estou super contente com os professores que tenho, são prestativos, amigos e sempre dispostos a ajudar.

APÊNDICE B - ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS

PESQUISADORA: De que maneira você percebe que a forma como você comunica os conteúdos, seja a linguagem, vocabulário, tom de voz de vocês, alguns exemplos, pode facilitar ou dificultar o processo de aprendizagem dos estudantes?

DOCENTE 1: Eu acho que a maneira muito formal, muito formal, acho que isso dificulta é... o aprendizado deles, né? E não é tão informal também, né? Não pode ficar usando. E exemplos do dia a dia acho que facilita muito assim, busca eles para a realidade. Eu vejo muito isso lá: a gente traz exemplos que foge do contexto, da vivência deles, eles ficam mais dispersos, mais longe. Quando a gente traz a realidade, eles ficam mais ativos, mais participativos.

DOCENTE 2: E também eu percebo que é... de fazer perguntas, a forma quando a gente começa a fazer perguntas e trazer eles para o assunto, é... facilita também. É como a “docente 1” falou, né? É... Trazer exemplos e repetir também várias vezes aquilo de formas diferentes.

PESQUISADORA: Perfeito! “Docente 3” tem algo para falar?

DOCENTE 3: Não, é a mesma coisa.

PESQUISADORA: Você acha que a questão do uso da língua muito formal que vocês disseram tem algo a ver com o contexto dos estudantes da educação profissional e tecnológica?

DOCENTE 2: Com certeza!

DOCENTE 1: Com certeza! Trazer palavras, é... a linguagem muito técnica, eu acho que assusta, até afastado. É... até o processo deles, a base educacional, isso também leva lá para o nosso curso. A gente deveria tratar como se fosse um curso técnico mesmo, mas se a gente for ao “pé da letra”, assusta, assusta.

DOCENTE 3: Isso vale não só lá para o curso técnico, mas em todas as áreas, em todas as séries.

DOCENTE 2: Sim!

PESQUISADORA: Perfeito! Como vocês compreendem a linguagem na mediação do ensino em sua prática docente? Como vocês entendem a linguagem nessa mediação entre você e o aluno na sua prática docente e de que forma ela influencia a compreensão e o engajamento dos estudantes?

DOCENTE 3: É uma parte essencial da comunicação entre a gente e eles, de uma forma mais informal. Não falando tão é... com palavras mais difíceis, porque assim traz eles para a realidade, porque tem palavras que a gente fala que eles nem conhecem. A importância de falar sobre essas palavras que, por exemplo: prescindir, ninguém sabia o que era prescindir. Então é importante também trazer a linguagem formal, mas a informal é o melhor contexto para trabalhar com eles.

DOCENTE 1: Eu acho que a linguagem, ela é da maneira... o tom que é usado, é... a velocidade ou não velocidade também, a lentidão da fala. Ela traz, dependendo da turma, um tom acolhedor. Então, cada turma a gente vê assim: “não, tem que andar um pouco mais rápido, essa turma eu consigo fazer mais rápido”. Então eles se sentem acolhidos dessa maneira. Agora, vou usar meu tom diferente, porque tem pessoa, tem turmas que são mais... o ensino é um pouco mais básico mesmo, então vou trazer outros exemplos, usar um tom mais acolhedor, até um sorriso na cara, ou uma seriedade para outra turma, isso também influencia na absorção do que a gente quer passar para eles. Um tom influencia muito na forma acolhedora que eles tratam o assunto. Entendeu mais ou menos, o que eu penso?

PESQUISADORA: Uhum, perfeito. É... o que vocês acabaram de responder tem muito a ver. Quais aspectos da sua própria linguagem você considera mais relevantes para promover a aprendizagem dos alunos e quais podem se tornar barreiras?

DOCENTE 2: É isso, né? É trazer palavras do cotidiano deles, exemplos. E barreiras seriam essas palavras mais assim, que eles não têm tanto acesso, mas e sem explicar o significado delas, né? A gente falando, falando e não explicar, isso aí pode ser uma barreira.

DOCENTE 1: A clareza, né? A clareza de algumas informações torna tudo mais acessível e mais leve para eles.

PESQUISADORA: Perfeito. De que maneira vocês acham que criam espaços para que os estudantes expressem as dúvidas, os sabem, as experiências, como vocês criam esse local que eles podem se expressar por meio da linguagem?

DOCENTE 3: Na roda de conversa. A gente sempre no final de cada aula, a gente tem aquela conversa, como se fossem amigos mesmo e cada um conta uma experiência, uma coisa que está passando.

DOCENTE 2: E é legal! É legal que quando vem a próxima aula, eles já têm uma abertura, já conta da vida deles, algo que aconteceu. É bem bacana essa interação.

PESQUISADORA: Essa aproximação que vocês falaram entre vocês e os estudantes, vocês acham que é algo que pode beneficiar a aprendizagem?

DOCENTE 1: Com certeza! DOCENTE 2: Com certeza! DOCENTE 3: Com certeza!

DOCENTE 1: Até aluno tímido demais, quase a gente não ouve a voz, eles começam a falar alguma coisinha na próxima aula, você sente diferente, diferente.

DOCENTE 2: É uma sensação de pertencimento ali, né? Na instituição, e se sentir acolhido.

PESQUISADORA: Vocês que têm essa proximidade com os estudantes, vocês acham que a instituição é só para aprender conteúdo?

DOCENTE 3: Jamais! É uma troca de experiências, uma troca de saberes, uma troca de intimidação mesmo, a gente acaba se tornando amigas deles.

PESQUISADORA: E vocês acham que isso influencia na aprendizagem? DOCENTE 2: Sim.

DOCENTE 3: Sim.

DOCENTE 1: Eu vejo assim, vou falar minha experiência: É... eu nunca fui, meus pais nunca foram de ficar me cobrando: “tem que estudar”. Eu mesmo estudei, mas eu tinha minha tia pra “puxar minha orelha” e graças a ela que eu consegui olhar o outro caminho da educação, que através do conhecimento que você consegue ir vencendo as coisas. Lá eles têm a mesma vivência que eu tive, então não tem ninguém para poder motivá-los. Então eu vejo lá que eles buscam, principalmente nos professores, algum: “Caramba, como que você fez? É fácil fazer faculdade? É muito difícil?”. Igual a “X”, a “X” está fazendo faculdade agora porque eu a incentivo. Tem outras alunas também querendo fazer faculdade de pedagogia, porque a gente... elas: “Não é difícil assim? “Cara, é baratinho”. Então assim, eles buscam em nosso curso algum incentivo, alguma motivação, alguma luz. E talvez a gente seja assim um espelho pra eles poderem crescer, mudar de vida. Tipo: “eu nasci pobre, vou morrer pobre”. Não! Eu nasci pobre, mas eu vi que fulano também veio de escola pública, batalhou, conquistou, então eu também posso. Então eu vejo que eles procuram muito isso na gente.

PESQUISADORA: Vocês adaptam sua linguagem em turmas diferentes? E como fazem essa adequação?

DOCENTE 1: Sim.

DOCENTE 2: Dependendo do grupo, sim.

PESQUISADORA: Igual que a “docente 1” citou?

DOCENTE 2: Isso. Por exemplo, às vezes tem no grupo de um certo horário temos pessoas mais velhas que têm mais dificuldade de tecnologia. Então, assim, a gente vai falar sobre algo relacionado à tecnologia, a gente precisa adaptar nossa linguagem, porque aquelas outras pessoas mais novas podem entender tranquilamente, mas a gente precisa repetir ou então trocar alguns termos para elas entenderem melhor.

DOCENTE 3: Na nova turma, tem muito LGBTQI+ , então aí a gente tem que aprender a lidar com essa linguagem também. Aí a gente troca muito de palavras. Até tanto para não usar o preconceito, né? E nem falar que eles estão certos para os outros.

PESQUISADORA: Entendi.

DOCENTE 1: Por exemplo, teve a aula passada, eu também mostro muito minha realidade como

concurseira, né: “gente, não é fácil estudar, não é fácil, mas é possível”. Aí eu mostrei a lei, a lei seca e uma aluna falou assim: “Mas na lei seca não é aquele negócio de álcool?”. Aí eu: “Caramba, nunca pensei nisso”. Aí nas próximas aulas já fui adaptando para ninguém pensar que lei seca era sobre álcool. Aí fui explicando pra ela certinho e tal, e não foi só uma não, foram três que pensaram a mesma coisa. Aí tive que adaptar para as próximas aulas, explicar o que era lei seca que não era aquilo e o que era em si. Achei bem interessante assim a visão de cada pessoa. Teve gente que já sabia o que era, até a “docente 2” falou: “Gente, tem o site do planalto, pesquisem”. Muita gente desconhece mesmo. E tem turma que tem professora, né, “docente 2”?

DOCENTE 2: Sim.

DOCENTE 1: Tem professora, monitoras, professoras efetivas e que é tranquilo esse conteúdo, então não preciso adaptar o conteúdo para elas. Agora tem outras que nem sabem o que é lei seca. E se a gente fosse muito rígida, com certeza elas levariam pra casa: “nossa, lei seca, com ECA, com LGBT, não, LGBT não, LG...”

DOCENTE 2: LGPD.

DOCENTE 1: LGPD. Pela intimidade com a gente, ela teve coragem de perguntar, senão seria uma vergonha pra ela.

PESQUISADORA: Como você utiliza exemplos, situações do cotidiano, ou experiências práticas para tornar o conteúdo mais significativo para os estudantes?

DOCENTE 1: A nossa realidade. Eu sempre tento buscar... não adianta nada eu explicar uma coisa que, eu pego uma notícia que Trump fez tal coisa, mesmo saindo no jornal, mas talvez eles nem saibam quem é. Então prefiro colocar exemplos do nosso dia a dia, da nossa cidade, do nosso governo, por exemplo, né. No mínimo usar os de fora

DOCENTE 2: Do que tá também sendo considerado atualmente, às vezes até fofoca, algo assim, que todos estão sabendo, né? Para associar de alguma forma e também chamar, traga a atenção deles ali no momento, né?

DOCENTE 1: Ah, outra coisa que eu também acho legal é que eu sempre dou exemplo com o nome deles. Tipo: “Você, você vai ser secretária”, com o nome da aluna, aí ela já fica meio assim: “Caraca, ela me usou como exemplo”. “E você sendo diretor, o que você faria? E se fosse ao contrário? E você? E você aluna? E você secretária?”. Eu acho que quando coloca o aluno nos exemplos, eles gostam bem mais, eu vejo que puxa.

DOCENTE 2: Sim.

PESQUISADORA: Ótimo, como você percebe que o estudante não está compreendendo o conteúdo e quais estratégias você costuma utilizar para favorecer a compreensão?

DOCENTE 3: Eles geralmente se calam. Aí fica assim, você vê pela expressão que eles estão assim perdidos. Aí eu geralmente questiono: “Ficou com alguma dúvida? você está com alguma dúvida, né?”. “Estou, professora”. “Pode falar”. “Não é porque eu não entendi isso”. Então assim, eu tento ser mais amiga mesmo, porque aí eles têm, eles vão ter a liberdade de falar o que eles pensam.

DOCENTE 2: Algo que eu observo muito assim entre a gente lá que a gente faz automaticamente é quando a gente percebe que alguém tá com muita dificuldade ou tá angustiada ali, a gente reserva um tempinho ali no final da aula só com a pessoa para ouvir melhor, para explicar, para acalmar, né? Então eu percebi que é algo nosso, né? Automaticamente a gente já vai fazendo isso.

DOCENTE 1: É verdade!

DOCENTE 3: É tão gratificante quando eles falam assim: “Aí, eu ia desistir, mas não desisti porque conversei com a professora fulana”. “Aí, a “docente 3” é meu incentivo”. Gente, dá até vontade de chorar às vezes, porque é muito bom quando você vê que está sendo o espelho de alguém.

DOCENTE 2: Exatamente!

DOCENTE 1: Vocês sabem que é meu primeiro ano na docência, né? E essa semana, uma aluna, a “X”

do TSE “X”, ela chegou para mim e falou assim, a turma tava cheia, tinha tipo umas 8 pessoas na sentadas, né. Pra mim, gente, pra vocês pode parecer bobeira, mas para mim foi legal, assim, me motivou. “Professora, você já deu aula em cursinho?” Eu disse: “Não”. “Nossa, você explica tão bem”. Aí eu: “Caraca, que massa assim, consegui”.

DOCENTE 3: É... ontem à noite, ontem à noite, as meninas falaram muito “professora podia formar...” aquela última tarde, da turma da tarde e da noite. “Ai, vocês poderiam formar um cursinho para a gente passar no curso de secretário escolar”. Queria que a gente passasse já o documento para que pudessem estudar para o concurso, porque eles acham que vai cair no concurso o que eles estão estudando.

DOCENTE 2: Por exemplo, tem alunas que já terminaram, TSE”X”, TSE”X”, que entram em contato comigo, agora que tá certo concurso. Eu acho isso o máximo, né? “Professora, olha esse cursinho aqui”, me manda o link. “Essa é a última prova?” não sei o que... então assim, eles lembram da gente, né? Como realmente um apoio ali para, para essa fase, para esse momento. É muito bacana.

PESQUISADORA: Como você percebe a relação entre o contexto social em que o estudante vive e a forma como compreende os conteúdos da escola?

DOCENTE 3: Porque às vezes o contexto em que eles vivem, eles não têm contato com a gama de conteúdo que existe no mundo. Então, eles acham que é só aquilo ali, eles precisam só daquilo ali. Às vezes vem de uma realidade onde não tem uma internet, onde às vezes não tem onde almoçar, não tem uma pessoa que ajuda.

DOCENTE 2: Alunas mais velhas, assim a gente percebe que é uma forma mais de interação também, de se sentir útil, de ter pessoas ao lado, porque também “ah, porque meu filho não tem paciência comigo”. “Ah, porque em casa... eu não sei nada, é difícil essa relação”. Então assim, é que a gente percebe que realmente interfere bastante na questão do contexto, né? E aí às vezes eles vêm com a visão muito limitada, né? Eles chegam assim engessados e lá eles começam a abrir mesmo a mente, a ver que há outras possibilidades também.

DOCENTE 1: Muitos ali acham assim: que secretário escolar é só mexer com papel, documento, pegar um papel, guardar um papel e arquiva, mas não é só isso. Tem leis, e o secretário tem que saber, são portarias, são decretos e quais são as sanções que ele pode sofrer, é... e eles ficam assim: caramba, então não é só isso que eu imaginava. Então a gente mostra a realidade. E é só um pouquinho do serviço público, né? Porque em si é muita coisa que engloba o serviço público.

DOCENTE 2: Eles se preocupam muito e às vezes não conseguem entregar atividade no prazo porque tava trabalhando ou: “Ah, o dia que eu tenho folga, eu tenho que arrumar a casa, lavar roupa e fazer tudo e não tive tempo”. “Tava muito cansada”. E aí eles começam a meio que se cobrar demais e muitos desistem por isso. Tem o estudante que o estudante que ia três vezes por dia na escola. E ele ficou preocupado em renovar os cursos para ele ter esse direito da merenda.

DOCENTE 1: Eu vejo também, também que a maioria teve uma base muito fraca. Aí que leva para o curso achando que vai dar certo, como fez no passado. Ah, vou levar nas coxas, tudo assim, na hora leva mesmo.

DOCENTE 3: Uma das coisas que eu acho assim bem relevante é que algumas se sentem velhos demais. “Aí eu estou muito velho para fazer para estudar ou não tenho capacidade para aprender”. Que nem a aluna “X”, ela sempre bate na tecla, “não tenho capacidade”. “Eu sou velho, eu fico dando trabalho”. É, falta muito apoio dos familiares e dos envolvidos nela, ela.

DOCENTE 2: Eles reproduziram, né? O que muitas vezes eles ouvem dentro de casa, né?

DOCENTE 1: Não é à toa que na nossa aula de acolhimento uma das perguntas do questionário é quem é sua rede de apoio, né? É verdade.

PESQUISADORA: E eles responderam o que se tem rede de apoio?

DOCENTE 2: Às vezes eles não entendem, até eles nunca ouviram esse termo. Eles não entendem, muitos perguntam: “o que é isso?” “Que pergunta é essa?”.

DOCENTE 3: Eu acho que na realidade muitos colocam assim que tem, mas por vergonha de colocar

que não tem.

PESQUISADORA: Qual o público que vocês acham que é assim majoritário dentro da educação profissional e tecnológica? Não só do curso de secretaria escolar, mas no geral.

DOCENTE 2: Mães, mulheres, muitas vezes mãe solo ...

DOCENTE 1: A maioria mulher.

DOCENTE 2: A maioria mulher, com mais de 25 anos por ali. PESQUISADORA: Isso no geral?

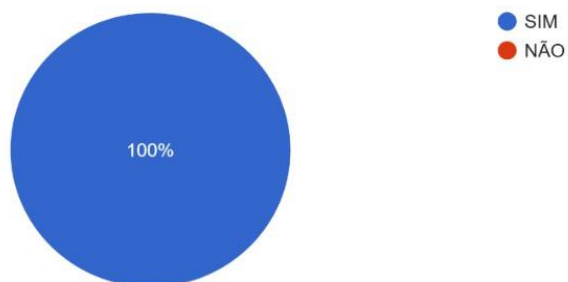
DOCENTE 3: Até a turma nova, acho que tem dois homens, né. Não, quatro.

DOCENTE 2: Isso, os homens são uma minoria. Até nos presenciais que eu dei aula nesse semestre, a maioria são mulheres, nessa faixa etária aí dos 25 até os 49.

DOCENTE 1: E a maioria está cansada do trabalho que estão, então estão chegando lá como uma mudança de vida. Está atrás do concurso, para algo melhor. A “X”, “X” que é professora e quer pegar isso para talvez fazer concurso e ela ter um cargo garantida como secretária. Então a maioria ali quer mudar de vida.

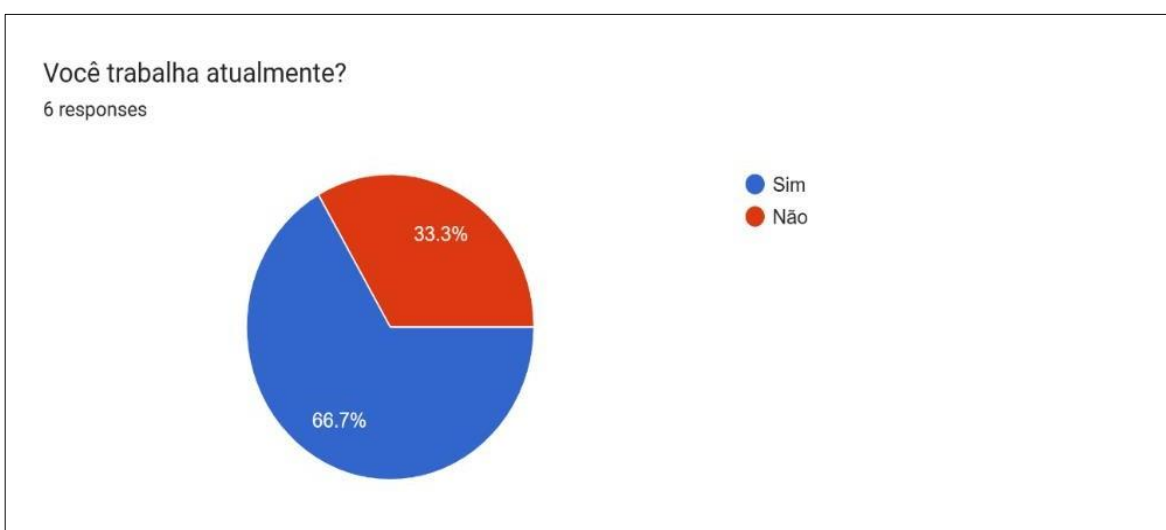
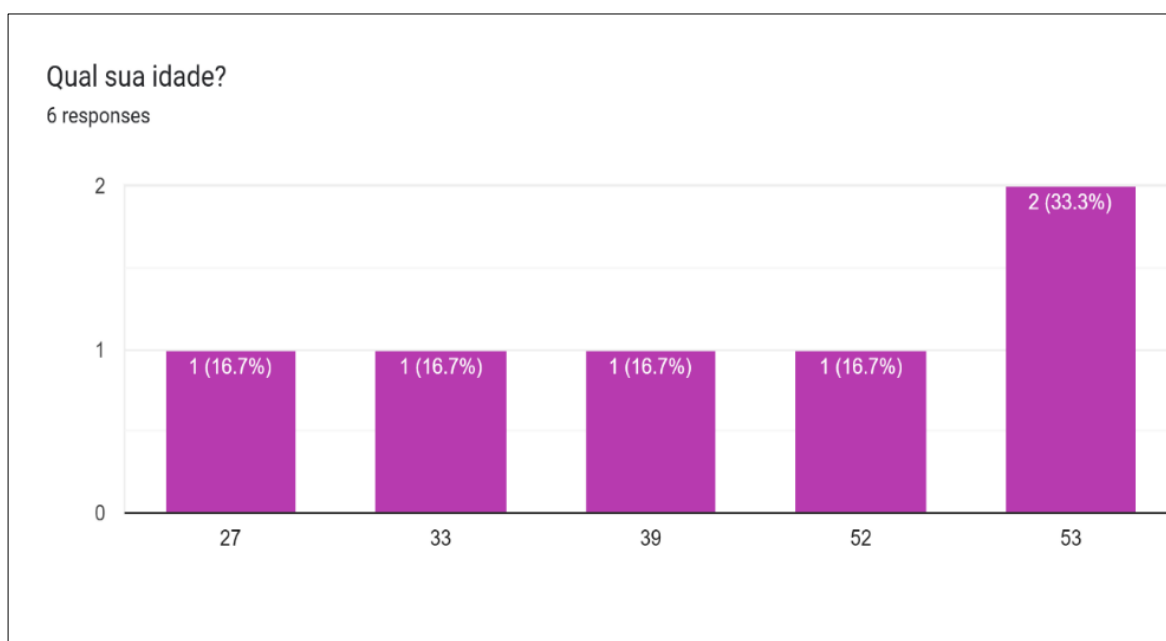
APÊNDICE C – GRÁFICOS DAS RESPOSTAS DAS ESTUDANTES

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - maior de 18 anos: Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "A Função Social da Linguag...articipação na pesquisa e concordo em participar.
6 responses



Gênero:
6 responses

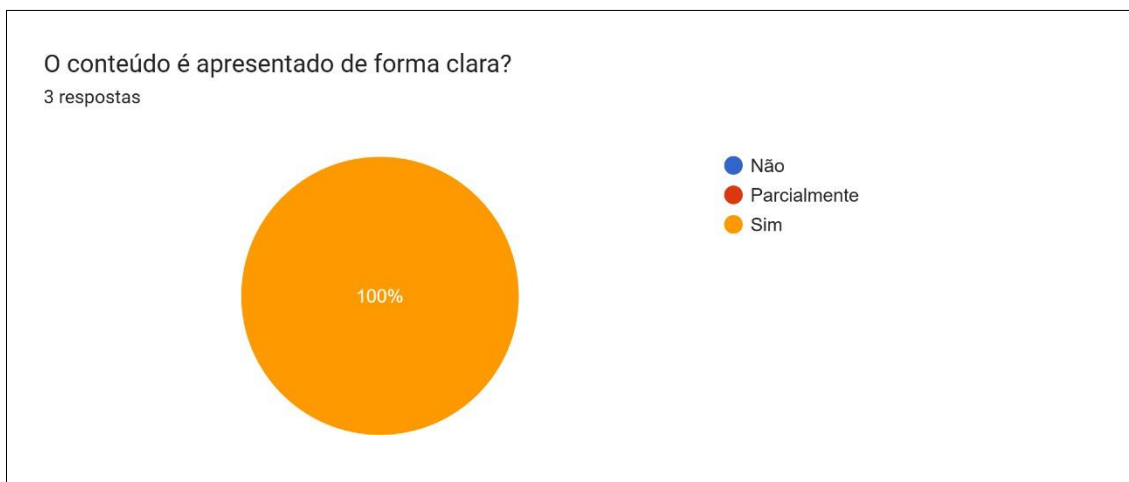




APÊNDICE D – SÍNTESE DAS DEVOLUTIVAS DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES SOBRE O PRODUTO EDUCACIONAL

ASPECTOS GERAIS:

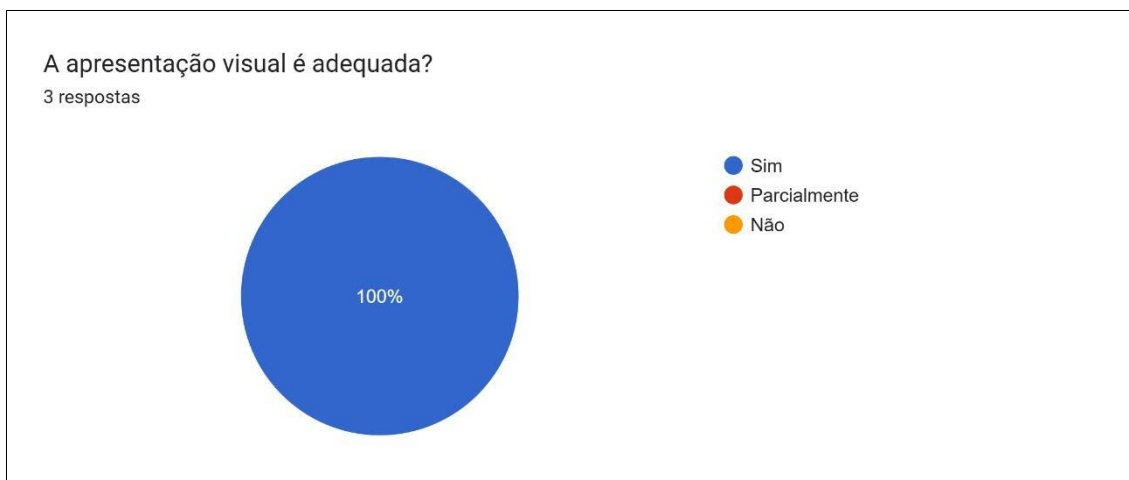
1) O conteúdo é apresentado de forma clara?



2) A organização dos capítulos facilita a compreensão?

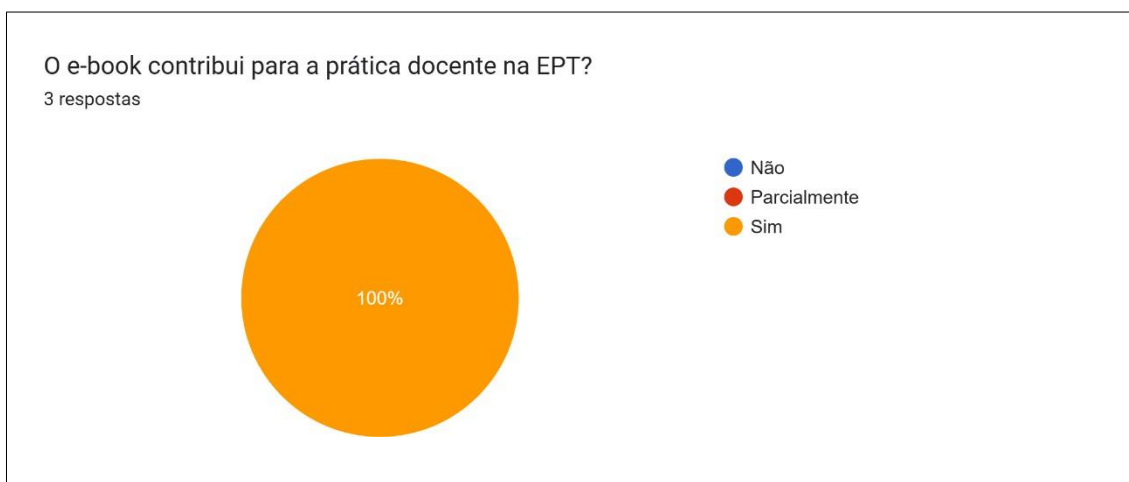


3) A apresentação visual é adequada?

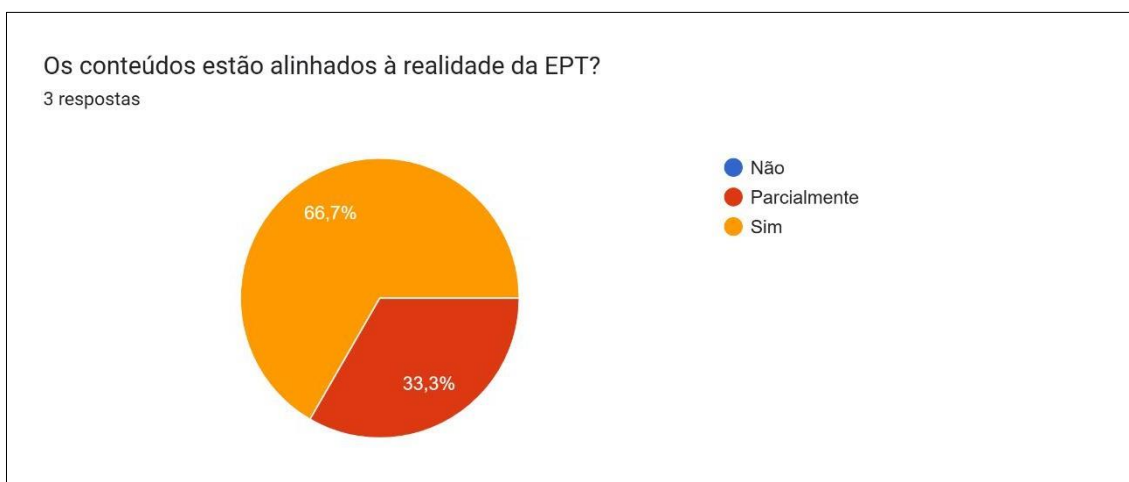


ASPECTOS PEDAGÓGICOS:

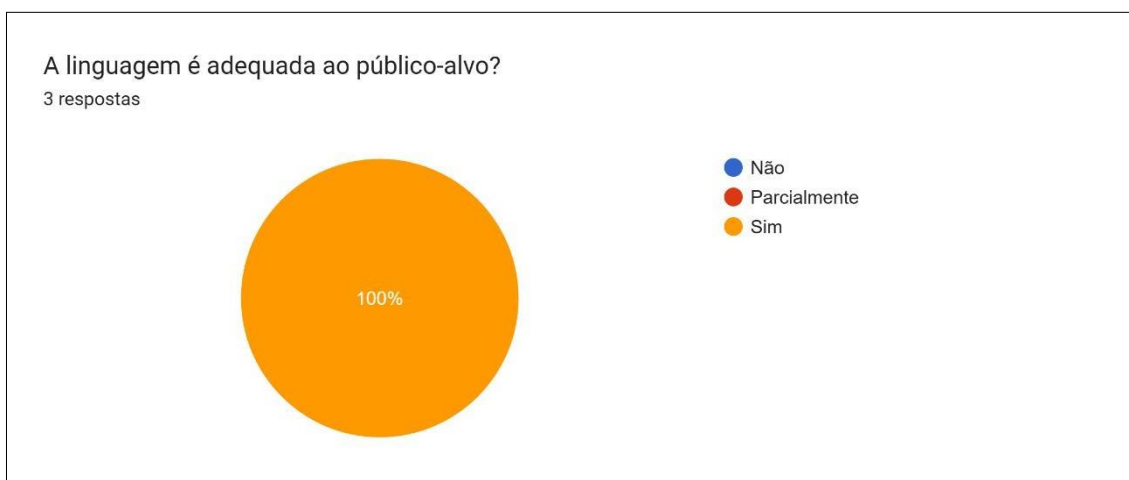
1) O guia contribui para a prática docente na EPT?



2) Os conteúdos estão alinhados à realidade da EPT?



3) A linguagem é adequada ao público-alvo?

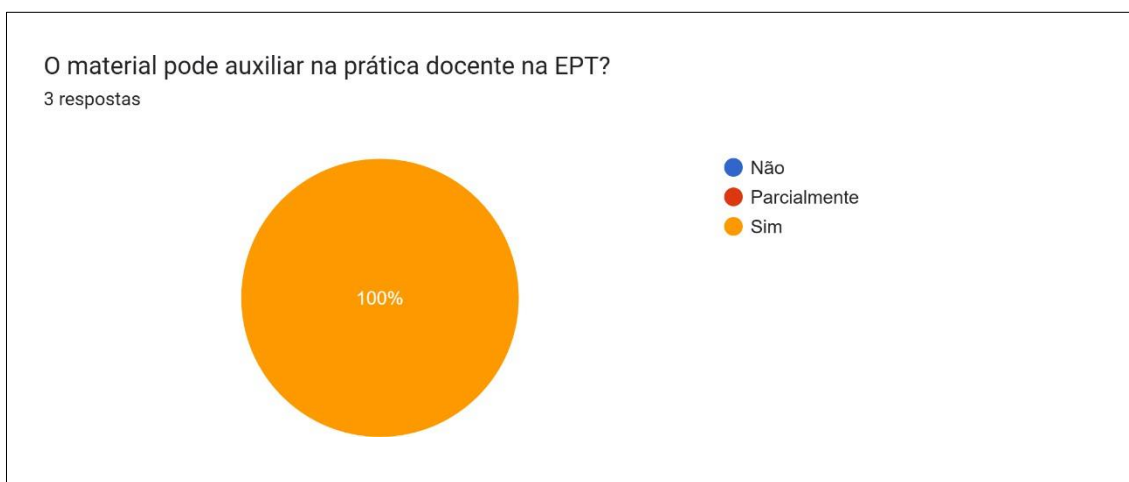


APLICABILIDADE:

1) O material pode ser usado em formação continuada?



2) O material pode auxiliar na prática docente na EPT?



PERGUNTAS ABERTAS:

1) Pontos positivos do guia que podem ajudar na sua experiência como profissional da EPT:

PROFESSORA 1: O guia tem uma linguagem clara e apresenta como funciona a educação profissional e tecnológica, modalidade de ensino fundamental para preparação das pessoas ao ingresso no mercado de trabalho. Além disso, demonstra claramente que tal preparação não se torna o único intuito. O público da EPT é misto e diversificado e além dos objetivos profissionais outros pontos agregam o desenvolvimento do estudante: interação social, sensação de pertencimento e motivação para buscar progresso na vida.

PROFESSORA 2: Ênfase prática em estratégias como linguagem acessível e retroalimentação contínua, alinhadas às realidades.

PROFESSORA 3: Como professora do curso Técnico em Administração, percebo que o guia reforça muito do que é discutido nas reuniões com a equipe pedagógica do PRONATEC: a necessidade de focar na vivência real dos alunos. Ele destaca que a EPT não é só técnica, mas formação integral; valoriza o saber prático que o estudante já traz; reforça o papel social da educação na inclusão; e ainda aponta a linguagem como ferramenta de inclusão. Tudo isso dialoga diretamente com a orientação de construir estratégias que façam sentido para a realidade concreta dos nossos alunos.

2) Pontos negativos ou pontos a serem melhorados no guia:

PROFESSORA 1: Não vi pontos negativos.

PROFESSORA 2: Um pouco mais de uso de atrativos visuais.

PROFESSORA 3: Como ponto a melhorar, o guia poderia trazer mais exemplos práticos do dia a dia da sala de aula e estudos de caso reais da EPT.

3) Você recomendaria esse guia para professores da EPT? E por qual motivo:

PROFESSORA 1: Com certeza, recomendaria sim.

PROFESSORA 2: Sim, recomendo para professores de EPT, pois oferece estrutura pedagógica alinhada a interesses em educação, promovendo práticas inclusivas e críticas

PROFESSORA 3: Sim, recomendaria. Porque está alinhado com o que o PRONATEC espera da nova equipe docente: trabalhar o conteúdo programático de forma mais ativa e dinâmica, ouvindo os alunos, entendendo a realidade deles e adaptando o conteúdo a essa vivência. Ele reforça exatamente essa postura mais próxima, participativa e conectada com o cotidiano do estudante.

**APÊNDICE E – GUIA A LINGUAGEM COMO FERRAMENTA DE MEDIAÇÃO
PEDAGÓGICA NA EPT (CAPA)**

